



Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



"Eu vos Envio"

Edição comemorativa do Dia do Pastor



James A. Cress

Secretário Ministerial
da Associação Geral
da IASD

DO NASCIMENTO À MATURIDADE

Com freqüência, negligenciamos o trabalho de discipular em favor do muito mais excitante processo de ganhar novos convertos. O deslumbramento da pregação pública, unido à alegria de testemunhar milhares de batismos, faz o discipulado parecer insignificante.

Entretanto, tal negligência coloca em risco nossa experiência e compromete o avanço do reino. A grande comissão de Jesus tenciona que os novos crentes sejam preservados, nutridos e cresçam na igreja como discípulos. Isso é evangelismo. Como Peter Wagner afirma, “qualquer esquema que separa evangelismo e conservação já está construindo o seu próprio fracasso”.

Diante disso, qual é a grande necessidade dos novos convertos? Em uma palavra: tudo. Assim como a sobrevivência de um recém-nascido depende dos pais, os recém-convertos dependem do papel paternal da igreja em todas as coisas necessárias à sua sobrevivência. Para descrever o processo pelo qual as pessoas são levadas a crer e crescer no discipulado, Jesus escolheu as imagens familiares de amor, concepção, gestação, nascimento, desenvolvimento e maturidade. As mesmas necessidades de um recém-nascido podem ser aplicadas à experiência de um recém-converso, conforme enumeramos a seguir.

Cuidado. Nutrição amorosa, tenro cuidado, aceitação, afirmação, companheirismo, diálogo, apreciação, abraço, dieta leve, tudo isso é vital para a sobrevivência de bebês ou novos crentes.

Disciplina. Antes de poder raciocinar por si mesmo, um bebê necessita de uma firme palavra de comando – “não” –, para protegê-lo de situações perigosas. Tal proteção é essencial para o aprendizado da autoridade da Palavra de Deus e da responsabilidade paterna. Disciplina não significa punição cruel, mas proteção. Deixar um bebê à sua própria decisão é um abuso destrutivo.

Instrução. O leite da Palavra é a repetitiva afirmação do amor, aceitação e perdão divinos; transmitida não apenas por teoria, mas pela prática. Ensine pelo exemplo, não pelo raciocínio lógico. Bebês não aprendem a caminhar ouvindo discursos sobre a lógica da lo-

comoção, mas com alguém caminhando com eles, até que possam fazer isso por si mesmos.

Educação. O crente deve ser ensinado a pensar por si mesmo. Educação não é apenas assimilar informação; é aprender a raciocinar, não simplesmente refletir o pensamento alheio. Questionamento é essencial no processo educacional.

Discernimento. Quando meu irmão, John, era criança, ele bebeu um copo de gasolina pensando que era refrigerante. As conseqüências fatais só foram revertidas por imediata intervenção médica. Devemos ensinar os crentes a examinarem os “ventos de doutrina” que estão sendo soprados de todas as maneiras.

Desenvolvimento. Todo crente deve receber um ministério. De outra forma, não pode amadurecer e ficará sempre dependente. O dever do pastor é “trabalhar” os membros.

Parceria. Quem está em processo de desenvolvimento precisa trabalhar junto com líderes experientes, que ensinam pelo exemplo. Desde o início, Jesus estabeleceu o método de parceria na busca de qualquer empreendimento digno. É perigoso trabalhar só.

Supervisão. O desenvolvimento deve ser supervisionado, para assegurar o êxito e evitar que enganos cometidos se tornem hábitos. Quando Jesus enviou os discípulos, dois em dois, também os orientou para que voltassem depois de algum tempo, para avaliar o desempenho, celebrar o sucesso e instruí-los em direção a maiores conquistas.

Consideração. Discípulos amadurecidos levam em consideração sua liderança e seus companheiros. Espírito de independência na crença ou nas ações indica imaturidade. Má vontade para aceitar conselhos desqualifica qualquer pessoa.

Responsabilidade. Discípulos amadurecidos valorizam as coisas que seu Salvador valoriza. Suas prioridades são as de Cristo, cuja missão aceitam. Oram fervorosamente e trabalham diligentemente para ampliar Sua igreja e apressar Sua vinda.

Reprodução. Somente quando o discípulo produz outros discípulos é que demonstra ter alcançado a maturidade. O processo evangelístico só é completo quando os discípulos são engajados na geração de novos crentes.

**Nenhum
crente pode
amadurecer
à margem do
envolvimento
missionário**



William de Moraes

À MISSÃO EM NOSSAS MÃOS

Segundo uma alegoria, ao voltar para o Céu, após concluir Seu ministério terrestre, Jesus teria sido abordado por anjos ansiosos para conhecer detalhes do trabalho realizado aqui na Terra. “O que aconteceu na Terra?”, perguntou um deles. “Formou um grande exército? Atraíu muitos seguidores?” Jesus respondeu: “Geralmente, Eu atraía incontáveis multidões. Porém, houve apenas um grupo de doze que permaneceu até o fim, e um deles desertou.”

Outro anjo teria replicado: “Então, sendo poucos, diante de uma tarefa gigantesca para realizar, só poderiam ser homens intelectualmente expressivos, superdotados, capazes”, ao que Jesus novamente respondeu: “De fato, era um grupo especial: homens simples, alguns pescadores, nada mais...”

“Nesse caso”, interveio outro anjo, “deveriam ser leais. Um grupo reduzido, sem notáveis qualificações intelectuais, com a missão de conquistar o mundo, tinha que ser, pelo menos, extremamente leal a seu Líder”. E Jesus disse: “Eles pareciam ter boa vontade, aceitavam Meus ensinamentos, experimentamos juntos muitos reveses, mas, na hora decisiva, um Me negou, outro Me traiu e o restante desapareceu.”

“E como o Senhor pretende cumprir a missão de conquistar o mundo com Sua mensagem? Escolherá outro grupo? Há um plano alternativo?”, quis saber o anjo. “Não”, respondeu Jesus, “esta é a Minha igreja. Estes são Meus discípulos os mensageiros que enviei ao mundo.”

Essa é apenas uma alegoria, mas certamente podemos nos ver retratados nela, com nossas fraquezas, limitações, nossos temores, caprichos pessoais, motivos incorretos, exatamente como eram os discípulos, “sujeitos às mesmas paixões” da nossa natureza humana. A esses homens perplexos, atemorizados, confusos, enlutados, hesitantes, desanimados e frustrados, Jesus apareceu na noite do domingo em que ressuscitou e, pela primeira vez, comunicou-lhes a missão: “Paz seja convosco! Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio” (João 20:21). Não deveriam ir, porém, do modo como se encontravam. Por isso, o Mestre, “havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo” (v. 22).

A experiência se repete, e nós somos seus protagonistas modernos. Jesus não tem uma equipe reserva para enviar em nosso lugar. A equipe é a mesma da qual fazemos parte você e eu. Não há um plano alternativo ao de enviar-nos ao mundo. Somos nós os Seus escolhidos. É a nós que Ele deseja outorgar o Espírito Santo para que então, plenamente capacitados, possamos ir a todos os lugares, a todas as pessoas, como Seus embaixadores, mensageiros de esperança. Ao ensejo de mais um “Dia do Pastor” (29 de outubro), louvemos a Deus por essa tão grande manifestação de graça e misericórdia para conosco. E renovemos o compromisso de viver à altura da nobreza do Seu chamado.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 76 – Número 05 – Set/Out 2005
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação: Lenice F. Santos

Revisoras: Josiéli Bueno e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher;
Marcos S. Santos

Programador Visual: Marcos S. Santos

Capa: DSA

Colaboradores Especiais:

James Cress; Alejandro Bullón; Jonas Arrais;

Willmore Eva; Júlia Norcott;

Colaboradores:

Acílio Alves Filho; Arlindo Guedes;

Barito Lazo; Cícero F. Gama;

Francisco Carlos Bussons;

Guillermo Rojas; Ivanaudo B. Oliveira;

José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;

Moisés Rivero; Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

www.cpb.com.br

Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br

Redação: ministerio@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaelministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970
Brasília, DF

Tiragem: 5.300 exemplares
5960/14484



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

11 QUEM É ESTE HOMEM?

Mensagem devocional que descreve o perfil do pastor.

14 NEM ASSIMILAÇÃO NEM SEPARAÇÃO

Sugestões para tornar o testemunho da Igreja mais efetivo na cultura prevalecente.

17 “EU TAMBÉM VOS ENVIO”

Como Jesus supera nossas limitações e nos transforma em missionários indômitos.

19 AO MUNDO TODO

Fomos enviados para conquistar muito mais do que algumas centenas de pessoas.

21 O PASTOR DO SÉCULO 21

Os desafios e compensações do ministério pastoral hoje.

23 TRÊS FACES DA MISSÃO

Uma base bíblica para o crescimento tridimensional da igreja.

26 EVANGELISMO SEM LIMITES

Princípios que facilitam nossa aproximação de outras religiões.

29 O PASTORADO QUE RESTAURA

O segredo para desenvolver a auto-estima de uma congregação.

Seções

2 SALA PASTORAL**3 EDITORIAL****4 CARTAS****5 ENTREVISTA****8 AFAM****9 PONTO DE VISTA****31 MURAL****34 RECURSOS****35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO**

*“Dá-me uma
visão da tristeza
infinita, dá-me uma
visão de terras
distantes, perdidas
sem Cristo, mãos
estendidas.
Mostra-me a agonia
do Getsêmani,
dá-me o amor dEle
pelo mundo.”*

Wesley Duewell.

Cartas

DUETO AFINADO

Apreciei bastante o artigo de Peter Landless, “Um dueto afinado” (julho-agosto 2005). A ênfase no trabalho de equipe envolvendo pastor e médico, tendo em vista o bem-estar das pessoas, também é assunto de outras publicações como, por exemplo, a edição de dezembro/2004 da Revista Médica do Sul, uma publicação norte-americana. Como médico adventista, gostaria de encorajá-los a publicar mais artigos dessa natureza, com sugestões específicas sobre como as idéias divulgadas podem ser implementadas.

Carlos Irizarry, por e-mail

QUANDO O AMOR DISCIPLINA

Pensei muito depois de ler o artigo de Miroslav Kis, intitulado “Quando o amor disciplina” (maio-junho 2005). Obviamente, o autor não pode questionar que Deus tenha tratado diretamente o caso Davi, perdoando-o com base em seu enternecido arrependimento. Entretanto, a curiosa comparação feita entre o modo pelo qual Deus tratou o arrependido Davi, como rei, e como Ele poderia tratar um sacerdote (ou pastor) arrependido, pode levantar em alguma mente uma incômoda questão: Seria a graça de Deus incondicional, ou não?

Alf Birch, pastor em Meadow Glade, Estados Unidos

REVISTA FAVORITA

Ministério é uma das minhas publicações favoritas, há mais de 40 anos. Leio-a de capa a capa, inclusive as cartas. Entendo que ela também chega a ministros de outras denominações cristãs que lhe dedicam a mesma apreciação. Mas confesso que uma coisa me causa certo incômodo. Autores eruditos, altamente credenciados, escrevem suas matérias nas quais expõem magníficas idéias bíblicas, e buscam apoio de teólogos como Karl Barth, Carl Sagen e outros. Pergunto: Não existe profeta em Israel? Será que os escritos de Ellen G. White já não são relevantes para nossa época? É sua autoridade inferior à desses teólogos?

Jeremia Florea, pastor jubilado, residente em Michigan

Resposta do editor: Os escritos de Ellen White são fundamentais para Ministério. Mas acreditamos que ela mesma endossaria a idéia de que, apesar disso, não devemos ignorar a opinião de autores cristãos comprometidos com a verdade bíblica e a missão de Cristo.

MOTIVADOS PELA CRUZ

“Cada crente deve ser um missionário, simplesmente porque Jesus morreu para salvação de um mundo que precisa saber disso”



por Zinaldo A. Santos

O entusiasmo do Pastor Emmanuel Oliveira Guimarães pelos pequenos grupos pode ser explicado pelo modo como ele se tornou adventista do sétimo dia. Há 28 anos, aceitou a Cristo em reuniões do “Projeto pioneiro”, o equivalente daquela época ao pequeno grupo de hoje. Então, deixou suas atividades profissionais de repórter fotográfico, no Rio de Janeiro, e ingressou na colportagem. Após quatro anos como colporteur efetivo e diretor assistente, esse mineiro de Formiga iniciou a Faculdade de Teologia no antigo Educandário Nordeste Adventista, ENA, formando-se em 1987, na Faculdade Adventista da Bahia.

No início de 2005, assumiu a liderança dos departamentos de Ministério Pessoal e Escola Sabatina da Associação Paulista Central, Apac, depois de servir como pastor distrital e diretor de departamentos (Publicações, Evangelismo, Ministério Pessoal e Escola Sabatina) nas Associações Mineira Sul e Central, além da União Este-Brasileira, onde permaneceu nos últimos seis anos, até aceitar o chamado da Apac. Seu ministério é caracterizado pela ênfase ao treinamento, produção de materiais, desenvolvimento e sistematização de estratégias missionárias, como por exemplo, o projeto de “Oração intercessória”.

É autor de vários livros, e cursa atualmente o mestrado em Teologia no Unasp, campus 2. O Pastor Guimarães é casado com Maria de Lourdes Brito Guimarães, de cuja união nasceram três filhas: Jacqueline, fisioterapeuta; Gracielle, estudante de Direito no Unasp; e Viviane, aluna do curso fundamental.

Do escritório da Apac, em Campinas, SP, ele falou a *Ministério*:

Ministério: *Como o senhor analisa a ênfase cada vez mais crescente na missão da Igreja?*

Pastor Emmanuel: Creio que fenômenos proféticos tendo seu cumprimento na igreja e no mundo globalizado estão despertando um senso de urgência. Também creio que o restabelecimento do conceito de evangelismo integrado, especialmente na América do Sul, intensificou o processo de conscientização missionária entre nós. Outro ponto a destacar é a renovação da mentalidade administrativa em todos os níveis denominacionais, graças à qual, no poder do Espírito Santo, o senso missionário assume suas dimensões proféticas. Em certo sentido, os períodos em que a ênfase missionária parecia não ser tão forte deveram-se ao fato que os missiólogos chamam de “área de conforto”, onde membros e líderes vi-

viam e falavam para si mesmos, como se fossem “clubes fechados”; entraram em uma condição de letargia, esquecendo pessoas ao seu redor, que agonizam pela falta do evangelho.

Ministério: *Qual é a grande motivação missionária que a igreja deve ter?*

Pastor Emmanuel: Muitos pregadores usam a “culpa espiritual”, como motivadora da missão. Isto é: se você não for missionário, não será salvo; a idéia de que se não fizer isto ou aquilo, não vai para o Céu. Com isso, as pessoas recebem um enorme peso e não compreendem que a missão tem mais que ver com o Senhor da missão, não se tratando apenas de um compromisso meramente eclesial. A Bíblia nos apresenta a verdadeira motivação missionária. No evangelho de João, por exemplo, há uma pérola missiológica: “Assim como o Pai Me enviou, Eu vos envio” (João 20:21). Ele relaciona a comissão evangélica com a pessoa de Jesus; não apenas a uma organização, ao pastor ou à igreja local. Mateus fala da missão no contexto de autoridade: “Toda a autoridade Me foi dada...” (Mat. 28:18 e 19). A ênfase missiológica de Marcos é o julgamento (Mar. 16:15 e 16). E Lucas apresenta a comissão evangélica no contexto da profecia (Luc. 24:46 e 47). Mas João

muda todo o contexto apresentando a ênfase em Cristo: “Eu vos envio...” E apresenta uma ligação especial daquele que envia com o que é enviado: “Quem recebe aquele que Eu enviar, a Mim Me recebe” (João 13:20). A igreja deve ser missionária por uma questão básica: a continuação da obra iniciada por Jesus. Cada cristão deve ser missionário, não por causa da autoridade, nem por causa do juízo, nem por causa do cumprimento da profecia, nem por causa da universalidade da pregação; mas porque Jesus morreu para salvação de um mundo que precisa saber disso. Wesley Duewell escreveu: “Dá-me uma visão da tristeza infinita, dá-me uma visão de terras distantes, perdidas sem Cristo, mãos estendidas. Mostra-me a agonia do Getsêmani, dá-me o amor de Ele pelo mundo.” A visão missiológica de uma igreja é uma resposta individual e coletiva ao sacrifício de Cristo.

**“Ao declarar:
‘Eu vos envio’,
Cristo une a Si aquele
que é enviado: ‘Quem
receber aquele que
Eu enviar, a Mim
Me recebe.”**

Ministério: Apesar disso, parece que nem todos os irmãos participam da missão como deveriam.

Pastor Emmanuel: As pesquisas que temos nesta área são elaboradas mais por observações baseadas em algumas atividades específicas: irmãos que dão estudos bíblicos, ou quantos batismos esta ou aquela igreja tem realizado. Esses dados não refletem bem a questão; ou seja, usamos um parâmetro de forma parcial. Para uma avaliação completa, teríamos que contemplar o crescimento no desenvolvimento de dons espirituais. Uma igreja cheia de pessoas nem sempre é sinônimo de crescimento. O crescimento real é visto na qualidade de vida cristã observada. Como vão o lar, o trabalho, o

relacionamento com Deus e o envolvimento no testemunho pessoal? A participação missionária, contudo, tem aumentado onde há programas claros de treinamento e desenvolvimento de dons, aliados a uma visão clara do propósito da igreja.

Ministério: *O ideal mesmo é que todos participem. Por que isso ainda não acontece?*

Pastor Emmanuel: Fiz um estudo por amostragem, onde constatei basicamente três situações. Entre 15% e 20% dos irmãos estão envolvidos, de alguma forma, na missão, independentemente das condições espirituais ou administrativas da igreja ou de sua liderança. Esses irmãos trabalham muito felizes para Deus. Entre 50% e 70% acham-se em um estado intermediário onde, a depender do programa, ou de quem lidera, se envolvem sempre por períodos cíclicos curtos. Precisam de motivação constante. Daí a existência de programas e mais programas, sem conseguirmos atingir a totalidade do envolvimento missionário. Entre 15% e 20% não se envolvem de maneira alguma; estão em crise espiritual, familiar, financeira, administrativa e de relacionamento. Diante disso se forma uma classe de “membros consumidores”, que vão à igreja, assistem aos programas e voltam para casa, semana após semana, sem se envolver na missão.

Ministério: *Esse é um quadro isolado, ou reflete uma realidade geográfica maior, continental por exemplo?*

Pastor Emmanuel: Acredito que seja um quadro muito próximo da realidade, embora desconheça uma pesquisa no âmbito da América do Sul, no que concerne a dons e envolvimento. Em algumas regiões menos secularizadas, a aceitação da mensagem adventista tem chegado a quatro por um. Mas em outras regiões mais difíceis, a aceitação é de 14 por um. Isto é, de cada 14 pessoas evangelizadas, uma toma a decisão de ser batizada. Na Divisão Sul-Americana, a proporção de membros para ganhar um converso, é de 11.1. Em 2004, a DSA tinha 2.415.392 membros e batizou 217.532 novos irmãos. Tenho certeza, porém, de que a participação pode aumentar. Uma coisa que descobri é que a maioria não se envolve por não ter suas necessidades indivi-

duais plenamente atendidas. Por exemplo, quando a pessoa vai à igreja, suas necessidades de adoração e aprendizado são atendidas por excelentes programações. Mas no que diz respeito à pessoa abrir o coração, não há muita chance para isso. Pede-se que os pedidos de oração sejam “breves”, o coordenador do estudo da lição da Escola Sabatina centraliza o comentário e, em muitas outras programações, o povo apenas ouve passivamente, não tendo onde abrir o coração e receber ajuda ou apoio. Outro instrumento de mudança é o fortalecimento dos pequenos grupos para treinamento e desenvolvimento dos dons espirituais. Também precisamos reconsiderar com atenção a multiplicidade de programas paralelos e fazer aplicação de métodos mais simples.

Ministério: *O que deveríamos esperar especificamente do pastor, no sentido de suscitar mais missionários ativos em sua igreja?*

Pastor Emmanuel: Quanto a ter mais missionários, a questão não é de voluntariado ou de atividade, mas de obediência ao chamado que o Senhor Jesus faz a cada um. A missão não é uma opção: é uma resposta de obediência por amor. Porém, alguns itens podem ajudar: 1) Desenvolver programas adequados à realidade local. 2) Iniciar um grande trabalho de atendimento aos irmãos através de grupos de apoio, especialmente desenvolvendo dons e oferecendo um forte suporte para companheirismo e serviço. 3) Redirecionamento do trabalho do pastor, que, no século 21, basicamente trabalhará como um “treinador” espiritual; um técnico que tem uma função impressionantemente estratégica. Como diz Ellen White, “os pastores não devem fazer a obra que pertence à igreja ... devem ensinar os membros a trabalharem na igreja e entre a vizinhança”. 4) A última sugestão é que o pastor desenvolva seu ministério utilizando pequenos grupos e múltiplos ministérios para utilização dos dons e, principalmente, como apoio ao pastoreio e treinamento dos membros.

Ministério: *Como podemos ajudar os crentes a descobrir, desenvolver e utilizar seus dons espirituais?*

Pastor Emmanuel: O ideal é que em um ambiente de companheirismo, treinamento e forte vida espiritual,

cada pessoa tenha a oportunidade de descobrir seus dons e aplicá-los de forma prática na pregação. Outro ponto é que existem várias listas de dons nem sempre com ministérios disponíveis na igreja. Daí muitos se frustram por não terem materiais ou orientações. Por exemplo, se alguém descobre que tem o dom de cuidar de idosos, sua alegria está em ministrar a essas pessoas. Se a igreja não dispõe de um departamento ou de materiais de orientação, isso não deve ser motivo para descartar o ministério, mas a liderança deve criar condições para implantá-lo. Hoje, um dos maiores fatores de descoberta e desenvolvimento de dons são os pequenos grupos.

Ministério: *O senhor já enfatizou bastante, e não é o único a fazê-lo, os pequenos grupos. Esse é o método da época?*

Pastor Emmanuel: Nos modelos de liderança e administrativos de pessoas do século 20, imperava o conceito de “massa”: as pessoas deixaram de fazer o seu terno com alfaiate e passaram a comprar o que era feito em série, e quase tudo passou para a produção “em massa”. Nesse conceito, as pessoas se tornaram apenas números. Se quisermos ser bem-sucedidos no evangelismo do século 21, necessitamos utilizar métodos que atendam cada pessoa não como “mais um na multidão”, mas falando especial e particularmente ao seu coração. Os métodos mais eficazes no evangelismo do século 21 são os que atendem as pessoas em suas necessidades mais profundas e que as alcança com um tratamento como Jesus fazia em Seu ministério. Por isso, destaco pequenos grupos, oração intercessória e testemunho pessoal.

Ministério: *O que não significa descartamos os métodos convencionais.*

Pastor Emmanuel: Absolutamente, não. Se alcançarmos as pessoas de maneira direta, pessoal, isso servirá de apoio para o desenvolvimento de todos os outros métodos. Por exemplo, uma pessoa alcançada pelo programa de televisão necessitará do contato pessoal, de um pequeno grupo de irmãos para concluir seu processo de assimilação na igreja. Uma igreja bem estruturada em uma rede de relacionamentos (pequenos grupos) será um tremendo apoio para as

campanhas de evangelismo público. O que será necessário em alguns casos é o aperfeiçoamento e adaptação ao momento em que estamos vivendo. Novamente citando Ellen White, “não deve haver regras fixas, nossa obra é progressiva e deve haver oportunidades para os métodos serem melhorados... Diferentes métodos devem ser empregados para salvar diferentes pessoas”.

“A missão é a razão da nossa vida e da nossa vocação ministerial. A salvação do perdido é o objetivo a ser alcançado”

Ministério: *Um dos projetos destacados pelo senhor é o da oração intercessória. Como deve funcionar?*

Pastor Emmanuel: A idéia de buscar pessoas através da oração chamou minha atenção quando, um dia, li a declaração de Ellen White, sobre os últimos dias, segundo a qual “viu-se um espírito de intercessão como se manifestou antes do dia de Pentecostes”. Através do estudo da palavra *oikos*, no Novo Testamento, que significa “casa”, não apenas no sentido de construção, mas de uma rede de relacionamentos, motivamos cada membro da igreja a buscar parentes, vizinhos e amigos, em seu *oikos*, pelos quais orar e trabalhar. É simples: oramos e Deus opera, preparando o caminho para que, quando chegarmos a essas pessoas ou as convidarmos às nossas reuniões, os corações já estejam tocados por Ele. Há sete passos no programa: 1) escolher cinco pessoas pelas quais orar e trabalhar; 2) preencher a ficha de cadastro com nome e endereço de cada pessoa relacionada; 3) orar pelas pessoas, na

igreja, orar com elas ao telefone, enviar correspondências missionárias; 4) convidá-las para as reuniões do pequeno grupo; 5) inscrevê-las na classe bíblica da igreja; 6) levá-las à aceitação de Cristo como Salvador pessoal e ao batismo; e 7) discipular o novo crente, envolvendo-o no programa de oração intercessória.

Ministério: *Poderia contar alguma experiência marcante, relacionada à oração intercessória?*

Pastor Emmanuel: Há muitas. Trinta anos atrás, a Sra. Júlia França ouviu a mensagem do evangelho, mas nunca a aceitou. Sua filha fez várias tentativas, até que a incluiu no projeto de oração intercessória. Em pouco tempo, ela tomou a decisão e teve o privilégio de batizá-la. Ela é a mãe da minha esposa. Batizei também um pastor evangélico que, depois de 23 anos em sua denominação, foi incluído no projeto de intercessão. Em poucos meses, ele também foi tocado de modo maravilhoso. Estou preparando um vídeo com histórias de bênçãos da oração intercessória.

Ministério: *Que apelo gostaria de fazer aos leitores?*

Pastor Emmanuel: Gostaria de destacar um ponto: precisamos voltar a viver com intensidade, cada vez mais crescente, a expectativa da volta de Cristo; como acontecia com nossos pioneiros. Levantar cada dia mais dispostos a proclamar a última mensagem de graça, juízo e salvação. Esse será o motor de nossa esperança, nossa fé, nossa vida, nossa igreja. Somos missionários adventistas. “Todos os sermões que proferirmos devem revelar claramente que estamos esperando a vinda do Filho de Deus, e por ela trabalhando e orando. Sua vinda é a nossa esperança. Esta esperança deve estar vinculada com todas as nossas palavras e atos, com todos os nossos relacionamentos e amizades... A segunda vinda do Filho do homem deve ser o tema maravilhoso a ser mantido perante o público.” Com o crescimento da Igreja de Deus, corremos o risco de profissionalizar a pregação, mas a missão é a razão da nossa vida e da nossa vocação ministerial. A salvação dos perdidos é o objetivo a ser alcançado. O cuidado da igreja de Deus é o grande privilégio a nós concedido. ☉

A ALEGRIA DE UMA AVÓ



Eliana Cousiño de Pereyra

Esposa de pastor,
residente na Argentina

“Enquanto meu neto pregava, pude antever o pastor que ele deseja ser, a exemplo do avô e do pai”

Naquela manhã de sábado, na igreja de um balneário uruguaio, a emoção tomou conta de mim. Ali estava um grupo de 15 jovens, diferentes de todos os que eram vistos pelas ruas ou nas praias. Cada rosto transmitia a existência de outros interesses e prioridades. Eram colportores-estudantes. Para meu esposo e eu, esse grupo tinha algo especial. Dele faziam parte dois de nossos netos, irmãos gêmeos. Fui às lágrimas, quando um deles começou a pregar. Foi um sermão singelo, mas com grande mensagem para os ouvintes. Enquanto ele pregava, pude antever, com os olhos da fé, o futuro pastor que ele desejava ser. Esse é também um dos meus grandes sonhos.

TRAJETÓRIA DE UM SONHO

Desde muito jovem, alimentei o desejo de ser esposa de pastor, ou missionária. Deus me presenteou como esposo um homem que me permitiu realizar esse sonho e me fez muito feliz. Trabalhamos 50 anos para a causa de Deus, dedicando nossas energias ao ministério de salvar perdidos. Mesmo tendo cursado o magistério, porque entendia ser a melhor profissão para uma esposa de pastor, aprendi que minha tarefa principal era formar nossas quatro filhas e colaborar com o ministério do meu esposo. Sendo assim, trabalhei fora apenas os primeiros dois anos depois de casada.

Aos oito anos de pastorado, meu esposo foi chamado para ser evangelista de tempo integral, tendo que viajar muito. Algumas vezes, ele ficava longe de casa por muito tempo, realizando campanhas evangelísticas. Outras vezes, demorava até dois meses visitando o Campo com obreiros da Associação Geral. Eu sentia sua ausência, mas cumpria minha missão no lar, enquanto ele saía para evangelizar. Sinto-me feliz pela parte que me coube realizar e pelo trabalho que pude desenvolver nos lugares em que moramos.

Parte do meu sonho começou a se realizar quando uma de nossas filhas casou-se com um pastor.

Eles são os pais do jovem pregador e futuro pastor. Hoje, não é fácil para um jovem dizer aos amigos que irá cursar Teologia. Às vezes, ele tem que enfrentar brincadeiras dos colegas. Por sua vez, os jovens, em geral, também não expressam sua aspiração de ser esposa de pastor, pois para isso é necessário ter vocação e muito amor pelas pessoas.

NADA MAIS PRECIOSO

Ser pastor não trará riquezas. É o cumprimento de uma missão. Paulo escreveu a Timóteo o seguinte: “Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores. Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão.” (I Tim. 6:9-11).

Ser pastor pode significar grandes desafios: deixar a comodidade, mudar-se frequentemente, estar longe dos familiares, da esposa e dos filhos, afastar-se de amigos, ir para países estrangeiros, muitas vezes estar entre idólatras e selvagens. Porém, indubitavelmente, não existe outro trabalho que produza tantas bênçãos e tanta satisfação.

“Nada existe mais precioso à vista de Deus que Seus ministros, os quais vão aos lugares desolados da Terra para semear as sementes da verdade, na esperança da colheita: Ninguém a não ser Cristo pode medir a solicitude de Seus servos ao saírem em busca dos perdidos. Ele lhes outorga Seu Espírito, e por seus esforços as almas são levadas a tornarem do pecado para a justiça.” – *Atos dos Apóstolos*, págs. 369 e 370.

“Ainda vai rolar muita água por baixo da ponte”, até que aquele jovem ingresse no ministério pastoral. Minha oração é que ele e todos os que atualmente se preparam alcancem o ideal expresso nessas palavras. ☺

O QUE O SENHOR REQUER



Gorden R. Doss

D.Min., professor de Missiologia na Universidade Andrews, Estados Unidos

As demandas sobre a missão adventista no complexo mundo de hoje

Qual é a expectativa do Senhor, em relação à Igreja Adventista nos dias atuais? Desde a queda de Adão e Eva, Deus tem executado Sua missão redentora do mundo. Quando nasceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia, seus fundadores sentiram o chamado divino à infante igreja e, em estágios graduais, foram ampliando sua visão missiológica até envolver o mundo inteiro.

Há mais de um século, as estruturas da Igreja foram redesenhadas com o objetivo de fazê-la cumprir de maneira mais efetiva a missão que Deus lhe confiou. Conseqüentemente, durante os últimos cem anos, a missão adventista no mundo tem alcançado um sucesso fenomenal.

Hoje, a Igreja Adventista tem aproximadamente 15 milhões de membros no mundo e louvamos a Deus por nosso êxito. Contudo, eventos recentes no cenário mundial talvez signifiquem um chamado de Deus para que nos resguardemos de qualquer atitude prematura, ou presunçosa, de congratulação própria. Embora a extensão de nossa missão hoje seja gigantesca, comparada com o que era em 1901, a tarefa remanescente pode humilhar-nos, se entendermos sua verdadeira escala.

O QUADRO REAL

Consideremos os seguintes fatos: Na metade do ano 2000, a população mundial girava em torno de seis bilhões de pessoas. Cristãos de todas as denominações representavam um terço do total. Outra terça parte era constituída de não-cristãos ao alcance de uma igreja cristã. A terça parte restante, cerca de dois milhões, eram não-cristãos além do alcance de uma comunidade cristã. A maior parte dessas pessoas reside em países resistentes ao cristianismo, podendo ser alcançadas somente por missionários transculturais.

Nos últimos cem anos, os adventistas do sétimo dia têm batizado muitos cristãos de outras denominações e não-cristãos de origem tribal.

Todavia, não temos experimentado o mesmo grau de sucesso entre as chamadas grandes religiões mundiais, tais como islamismo, budismo e judaísmo. Os muçulmanos representam quase 20% da população mundial. Eles são seguidores monoteístas que adoram o Deus de Abraão. Valorizam a paz e defendem um estilo de vida muito similar ao nosso. Porém, sofreram nas mãos de cristãos, durante as Cruzadas e nos séculos seguintes. Por isso, nos vêem como ameaça à sua moralidade, seu culto e sua espiritualidade.

O que Deus requer da Igreja Adventista do Sétimo Dia hoje? As seguintes considerações podem ajudar em nossa reflexão sobre esse assunto.

SAINDO DA ROTINA

Os cristãos têm real poder para efetuar mudanças no mundo, porque não existe poder na Terra maior que o do evangelho. Pela graça de Deus e no poder do Espírito, podemos participar na missão divina para o mundo, de modo a fazer diferença na vida dos seres humanos. O que a Igreja faz tem significado presente e eterno.

Os novos tempos exigem que deixemos de lado a rotina. Em 1901, Ellen G. White levou a Associação Geral a reformular sua agenda. Tanto ela como seus companheiros compreenderam que a Igreja tinha chegado a uma conjuntura que requeria uma visão nova, uma nova dinâmica. A Igreja Adventista mudou em 1901, e nunca mais foi a mesma. Em grande medida, o sucesso do último século é resultado daquela reestruturação inspirada pelo Espírito. Com toda certeza, podemos afirmar que a missão mundial adventista, depois de 1901, teria sido muito menos vitoriosa, se os pioneiros mantivessem a estrutura anterior.

Estamos, novamente, em uma conjuntura solene. Hoje, temos uma Igreja muito maior, mais complexa. Nosso tamanho e complexidade nos conferem mais inércia institucional e resistência a mudanças do que nossos pioneiros enfrentaram em 1901. Disparamos de muito mais recursos ma-

teriais e humanos para mobilizar e fazer avançar a causa. As circunstâncias em 1901 requeriam que os adventistas descartassem a rotina e entrassem num período de criativa reavaliação e reinstrumentalização da missão, dirigidas pelo Espírito Santo. A mesma necessidade existe hoje. Nossa agenda, nossos métodos, território, posição, orçamento, tudo deve ser posto no altar do sacrifício, abrindo o caminho para uma nova e mais poderosa iniciativa cheia do Espírito Santo.

ESTRATÉGIA GLOBAL

Atualmente, estamos engajados em uma coleção multifacetada de excelentes ministérios; mas, estão eles direcionados para um objetivo, em cumprimento de uma estratégia bem definida? O que é, de fato, estratégia global adventista? É relatório de crescente número de batismos? Em caso afirmativo, é essa estratégia adequada para mobilizar e dirigir o trabalho em uma Igreja complexa como a nossa?

Por alguns anos, temos ouvido falar da área do mundo conhecida como “janela 10/40” e levantado fundos para a missão ali. Essa área tem se tornado o foco da nossa missão global. Mas, quem irá, de fato, desempenhar a missão naquele lugar? De onde virão os missionários? Quem os sustentará? Como serão treinados? Como seu trabalho será administrado? Considerando-se que igrejas regulares não podem ser estabelecidas ali, o que farão esses missionários quando chegarem lá? Na ausência de uma estratégia global bem definida e partilhada, não encontramos respostas fáceis para essas questões.

Ao lado de tudo isso, o que dizer do restante do mundo? O ocidente secularizado precisa ser evangelizado, assim como as megalópoles e as comunidades pobres. Em todas as nações há pessoas que precisam ser alcançadas. Como podem os ex-receptáculos da missão se tornarem enviados? Como deveriam os membros e organizações mais saudáveis assistir aos irmãos e irmãs menos sadios ao redor do mundo? Como podem projetos de curto prazo e jornadas missionárias ser integrados a uma estratégia global? Uma estratégia global responderá a essas e outras questões vitais.

AJUSTES ESTRUTURAIS

Nossa presente estrutura tem excelentes características que devem ser mantidas e celebradas. Entretanto, ainda podemos crescer. Precisamos recrutar, treinar e apoiar jovens ao redor do mundo, para que sejam missionários transculturais entre pessoas ainda não evangelizadas. Talvez, este seja o melhor momento para nos lembrarmos de que a estrutura é serva, não mestra.

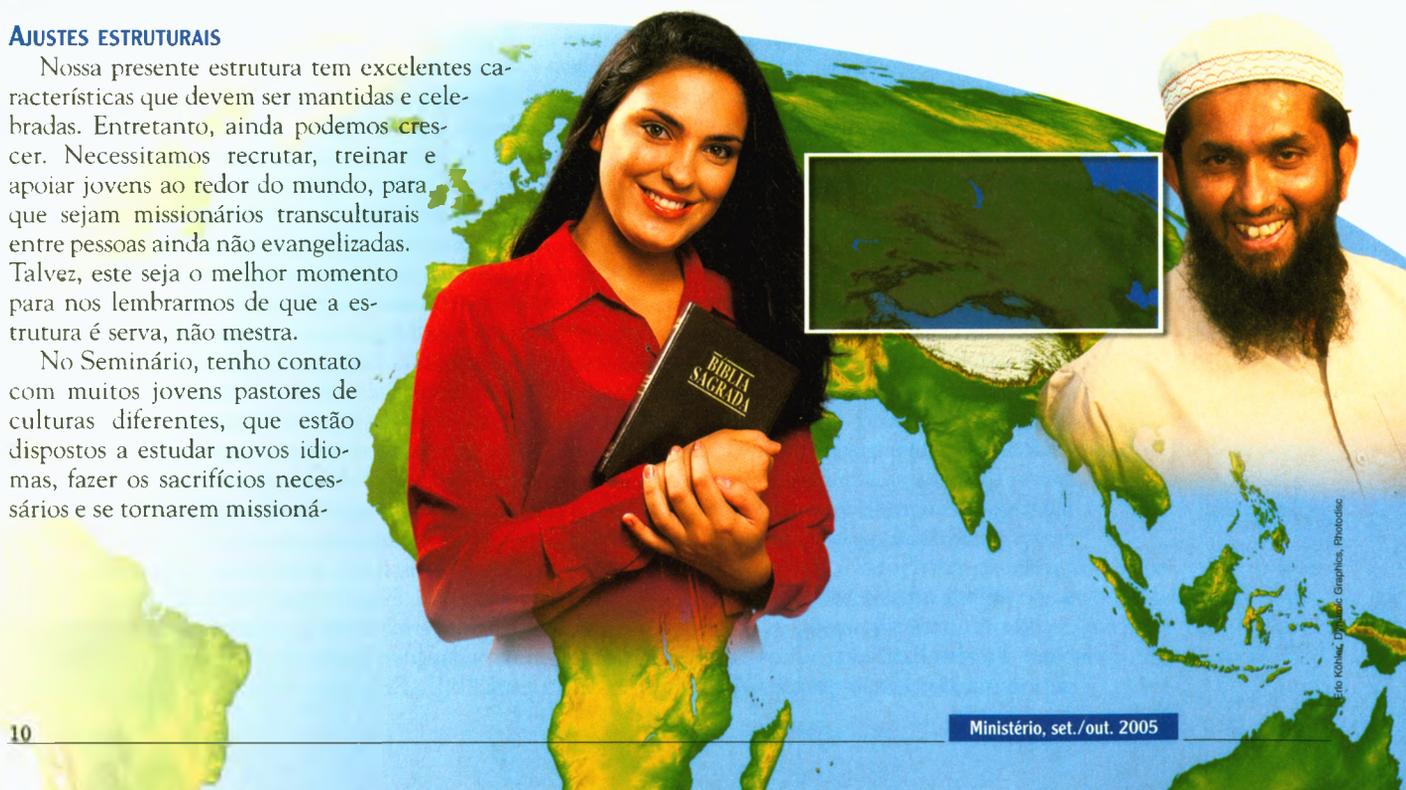
No Seminário, tenho contato com muitos jovens pastores de culturas diferentes, que estão dispostos a estudar novos idiomas, fazer os sacrifícios necessários e se tornarem missionários

por toda a vida. Mas, quando eles me perguntam como isso é possível, apenas lhes respondo que o serviço de missionários da Associação Geral provavelmente não tenha lugar para eles, enquanto não sejam ordenados, experientes, e tenham um doutorado.

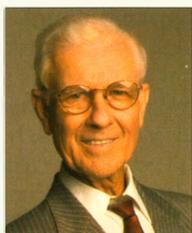
Meus avós foram para Trinidad na metade dos seus 30 anos, meus pais foram para a África no fim dos seus 20 anos. Minha esposa e eu também fomos para a África, quando tínhamos 25 anos. Entretanto, quase não há perspectiva para nossos filhos, atualmente no início dos seus 20 anos, e estando desejosos de seguir a tradição familiar. Enviar pessoas maduras com doutorado, como missionárias, é uma contribuição válida. Mas, a energia, a capacidade de adaptação e o potencial que os jovens possuem para aprender idiomas são absolutamente essenciais para a missão em lugares resistentes.

Nossa estrutura de missões simplesmente precisa andar no passo das condições mutantes do mundo, a fim de alcançarmos nossos objetivos e aproveitar bem a dotação espiritual dos membros. Alguns adventistas têm-se voltado para as organizações paralelas e ministérios de apoio. O desejo para servir como missionários e apoiar materialmente as missões supera a habilidade da estrutura oficial para canalizar e administrar recursos humanos e materiais. Na presente estrutura, a Associação Geral tem enviado missionários sem o envolvimento da igreja local, Associação ou União. Algumas Divisões desempenham um papel no processo, mas ainda muito limitado.

Necessitamos alcançar um renovado e mais profundo consenso em nossa teologia oficial de missões. Precisamos avaliar o que estamos fazendo agora para ver se essa teologia funciona de fato. Precisamos mapear um novo curso para a missão mundial adventista que expresse plenamente nossa teologia oficial sobre o assunto. Enquanto nos esforçamos para obedecer à vontade de Deus para a missão, hoje e sempre, podemos estar seguros de que nossa jornada será cada vez mais desafiadora. Mas os portadores das boas-novas são sempre envolvidos, confortados e fortalecidos pela certeza, no Senhor, de que sua vitória final está assegurada. ◻



QUEM É ESTE HOMEM?



Albino Marks

Pastor jubilado,
reside em
Engenheiro Coelho, SP

**“Ministrar
significa
mais do
que pregar
sermões;
significa
trabalho
zeloso e
pessoal”**

Seguramente, o quadro que mais nos fala em relação a Cristo é aquele no qual Ele é visto como pastor: “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas” (João 10:11). A imagem do pastor é encontrada ao longo de todos os escritos sagrados, e Cristo, em Seu modo de agir com o povo, é a representação viva desses ensinamentos.

O que significa ser pastor? Como descrever o perfil desse homem? Nada melhor do que assentar essa análise no Pastor-Modelo e nos ensinamentos das Sagradas Escrituras.

ESCOLHIDO POR DEUS

Através do profeta Jeremias, Deus apresenta o retrato do pastor ideal: “Eu vou lhes dar pastores verdadeiros, que pensam e sentem como Eu. Eles vão guiar todos vocês com sabedoria e inteligência” (Jer. 3:15, BV). O verdadeiro pastor não é fruto da escolha pessoal de alguém, mas de um chamado divino. Em algum momento, o homem sente o chamado para a tarefa do pastorado. Escolhido e chamado por Deus, passa a ser controlado e instruído pelo Espírito Santo, tendo em vista o desempenho de sua tarefa como guia do rebanho, que deve ser conduzido “com sabedoria e inteligência”, segundo o coração de Deus. Seus pensamentos e sentimentos em relação às ovelhas são os do Pastor-Modelo.

Porém, o que Deus espera do pastor não é apenas exposição de sabedoria e conhecimento humanos. Paulo, o grande pastor do primeiro século, argumenta: “... E assim conhecerão o segredo de Deus, que é o próprio Cristo. Pois Ele é a chave que abre todos os tesouros escondidos do conhecimento e da sabedoria que vêm de Deus.” (Col. 2:2 e 3, BLH).

O conhecimento do qual o verdadeiro pastor precisa estar revestido é o da pessoa de Cristo e dos atributos de Seu caráter: amor, compaixão, misericórdia, santidade, pureza, justiça e perdão. O verdadeiro pastor necessita desenvolver um conhecimento pessoal do Pastor-Modelo, “com real convicção e clara compreensão”. Tal relacionamento precisa fluir em demorados colóquios de intimidade, para assimilar as virtudes e lições de vida, os métodos de liderança e a maneira como compreender a natureza de cada ovelha. O pastor necessita compreender as verdades eternas do plano redentor revelado em Cristo Jesus.

É muito importante a advertência de Paulo ao jovem Timóteo: “Faça todo o possível para conseguir a completa aprovação de Deus, como trabalhador que não se envergonha do seu trabalho, porém que ensina corretamente a mensagem da verdade de Deus” (II Tim. 2:15, BLH).

Estudo persistente e trabalho dedicado são partes integrantes do pastorado, e indispensáveis para que ele seja eficiente e profícuo. Na Palavra, Deus tem em depósito alimento rico e abundante, o maná do Céu, que deve ser preparado e oferecido pelo pastor, nos banquetes espirituais, ao rebanho de Deus. “Necessita-se de pastores – pastores fiéis – que não lisonjeiem o povo de Deus, nem o tratem com dureza, mas alimentem-no com o pão da vida...” – *Atos dos Apóstolos*, pág. 526.

No trato com o povo e na pregação da Palavra, o pastor deve fugir de dois extremos: a lisonja e a dureza. Lisonja, adulação, amabilidades interesseiras e hipócritas podem aparentar viva percepção; mas, como um câncer traiçoeiro, minam a influência positiva do pastor. Dureza, aspereza, grosseria e intolerância também desqualificam um indivíduo para o pastorado. Para sentir a malignidade do pecado que o domina, o pecador necessita de amor santo, divino. A respeito de Jesus diz-se que “não deixava de falar uma só palavra da verdade, mas sempre a apresentava com muito amor... Nunca se mostrava rude... Não criticava as fraquezas humanas. Dizia a verdade, mas sempre com amor. Denunciava a hipocrisia, a falta de fé e a injustiça; mas suas repreensões fulminantes eram sempre proferidas com lágrimas e tristeza”. – *Caminho a Cristo*, pág.12.

Como escolhido de Deus, o pastor necessita exaltar a Cristo – o Pão da vida; Seu amor, perdão, Sua justificação, a beleza de Seu caráter perfeito carregando o fardo dos nossos pecados; Seu sacrifício em favor do pecador sentenciado à morte; Sua alegria santa, contagiante, transformadora; Sua vida de serviço, bondade, mansidão, humildade, domínio próprio; Seu amor eterno, inesgotável; Sua graça superabundante; Sua aversão ao pecado.

HOMEM DE CORAGEM

Escrevendo a Timóteo, Paulo apresentou-lhe o seguinte desafio: “Com toda a firmeza, na presença de Deus e de Cristo Jesus, que julgará todos os seres humanos, tanto os que estiverem vivos como os que estiverem mortos, eu ordeno a você: por causa da vinda de Cristo e de Seu Reino, pregue a mensagem e insista em anunciá-la, no tempo certo ou não. Convença, repreenda, anime e ensine com toda a paciência. Porque virá o tempo em que as pessoas não escutarão o verdadeiro ensinamen-

to, mas seguirão os seus próprios desejos. E juntarão para si mesmas muitos mestres, que vão dizer a elas o que querem ouvir. Essas pessoas deixarão de ouvir a verdade e escutarão as lendas. Mas, você, seja ajuizado em todas as situações. Suporte o sofrimento, faça o trabalho de um pregador da boa notícia do evangelho e cumpra completamente o seu dever como servo de Deus.” (II Tim. 4:1-5, *BLH*).

Essa é uma tarefa desafiadora, cuja concretização requer coragem. As palavras de Paulo ainda são muito atuais. Vivemos em uma sociedade dos contrastes. De um lado, é sofisticada e opulenta. A cultura, a tecnologia e o conforto nos dão a sensação de auto-suficiência. Por outro lado, a ignorância, a miséria e o infortúnio caracterizam a vida de milhares de pessoas. Na área espiritual, o inimigo semeou as mais confusas e desconcertantes idéias. Grandes verdades espirituais são substituídas por sofismas humanos. Um claro “assim diz o Senhor” é contestado por idéias humanistas de supostos grandes homens, ou mesmo por conceitos particulares. Mais do que nunca, tais condições exigem pastores destemidos. Erguer a voz em defesa do que é nobre, coerente, elevado e puro, quando tudo se corrompe, exige coragem.

Em um tempo de indiferença e incredulidade, João Batista, um homem escolhido por Deus, transmitiu com clareza, convicção e simplicidade o apelo divino aos pecadores impenitentes: “Arrependei-vos ... Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento.” (Mat. 3:2 e 8). Os agentes usados pelo Espírito Santo, para levar pecadores ao verdadeiro arrependimento, são homens de convicção e coragem. “O Senhor deseja que Seus servos hoje

preguem a antiga doutrina evangélica – tristeza pelo pecado, arrependimento e confissão. Necessitamos de sermões à moda antiga, costumes à antiga, pais e mães em Israel à antiga.” – *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 19.

MOVIDO PELO AMOR

“Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.” Que mensagem Jesus transmite nessas palavras? Estaria apenas dizendo que daria a Sua vida para conceder vida a pecadores arrependidos? Certamente, mas existe algo precioso no centro da mensagem: “E esta é a maneira de medir o amor – o maior amor é demonstrado quando uma pessoa entrega a vida pelos seus amigos.” (João 15:13, *BV*). Dar a vida é resultado de amar com o maior amor.

“Eu sou o bom pastor; conheço as Minhas ovelhas, e elas Me conhecem a Mim.” (João 10:14). Aqui, Jesus estabelece o princípio básico do verdadeiro pastorado: conhecer as ovelhas. O maior amor é revelado também no ato de conhecer cada ovelha. É impossível pastorear um rebanho sem conhecê-lo. É possível fazer discursos, mas pastorear é muito mais do que discursar. Pastorear é conhecer as ovelhas, suas lutas, enfermidades, fraquezas, necessidades e também suas alegrias. Todo esse conhecimento é necessário, não com o objetivo de punir, mas para lenir, curar, animar e fortalecer.

Como pode o pastor conhecer tão ampla e profundamente suas ovelhas? Ao olhá-las do púlpito, todas parecem iguais. À despedida, sorrisos disfarçados escondem dolorosas feridas. Por isso, o sábio aconselha: “Cuide sempre de seus negócios, procure saber como andam suas ovelhas e em que condição estão os seus rebanhos” (Prov.



27:23, BV). É no contato pessoal, de casa em casa, que o pastor conhece a verdadeira condição do rebanho.

“O espírito do verdadeiro pastor é de inteiro esquecimento de si mesmo. Ele perde de vista o eu para que possa fazer as obras de Deus. Pela pregação da Palavra e pelo ministério pessoal nos lares do povo, toma conhecimento de suas necessidades, tristeza e provas; e, cooperando com Aquele que leva o maior fardo, participa das aflições deles, conforta-os em seus dissabores, farta-lhes a alma faminta e salva-lhes o coração para Deus. Nesta obra é o ministro assistido pelos anjos do Céu, sendo ele próprio instruído e iluminado na verdade que o torna sábio para a salvação.” – *Atos dos Apóstolos*, pág. 527.

Que quadro magnífico do pastor! É o homem que se identifica com o rebanho. Sente na própria carne as feridas das ovelhas enfermas, lembrando sempre que a enfermidade é o pecado em todas as suas formas. Partilha suas provas, dores, tristezas, lágrimas, e se envolve em renhido combate contra o inimigo que deseja destruí-las.

“Ministrar significa mais que pregar sermões; significa trabalho zeloso e pessoal. ... Se alguém, ao entrar nesta obra, escolher a parte que demanda o menor sacrifício, contentando-se com pregar, e deixar a obra de ministério pessoal para outro, seu trabalho não será aceito por Deus. Pessoas por quem Cristo morreu estão perecendo por falta de trabalho pessoal bem dirigido; e tem malcompreendido o seu chamado quem, ao entrar para o ministério, não se dispõe ao trabalho pessoal que o cuidado do rebanho requer.” – *Atos dos Apóstolos*, págs. 526 e 527.

Alguns têm uma visão distorcida do pastorado. Quando ouvem, do púlpito, uma eloqüente peça retórica, proferida com boa entonação de voz e gestos cuidadosamente estudados, exclamam admirados: “Que pastor!” No entanto, embora o pastor seja também um pregador, essa não sua única tarefa. Um homem pode tornar-se eloqüente pregador, arrebatando multidões, e ser um fraco pastor, caso não se envolva com o povo em seus lares, buscando satisfazer suas necessidades, ajudando a carregar os fardos, curando feridas e levando-o a sentir o perdão dos pecados. O Supremo Pastor “tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre Si...” (Isa. 53:4)

Pastor é o homem que, inflamado pelo amor, intercede por indivíduos prestes a sucumbir. É o homem que mantém-se em vigilância pelo rebanho, chora, luta, conforta, anima. Ele está ciente do seu dever.

CONTROLADO PELO ESPÍRITO

“Então, Pedro, cheio do Espírito,” falou às autoridades (Atos 4:8). O pastor somente desempenhará sua tarefa com determinação e eficiência quando estiver sob o controle e direção do Espírito Santo. Somente o Espírito cria e desenvolve no caráter de um pastor aquelas qualidades e virtudes que farão dele uma bênção no contato com os pecadores.

Davi, habituado a conduzir o rebanho ao som de sua voz, ao ser ele mesmo envolvido pelo pecado, suplicou a Deus: “Não me abandones, não tires de mim o Teu Espírito Santo. Dá-me de volta a alegria da Tua salvação; dá-me o desejo sincero de Te servir. Assim, poderei ensinar Teus caminhos a outros pecadores e eles voltarão a Ti arrependidos.” (Sal. 51:11-13, BV). Ele sabia que, sem o Espírito em sua vida, sua liderança sobre o rebanho seria ineficaz, banal e sem significado. As grandes vitórias sobre o pecado são frutos do Espírito Santo.

A liderança do Espírito Santo protege o pastor contra o inimigo, bem como as ciladas da popularidade e do sensacionalismo. Ser popular e criar situações de excitação dos sentimentos são duas tentações muito fortes para o pastor. Todo ser humano é vulnerável a espetáculos sensacionais e aplausos. Diante disso, o pastor deve ter em mente que foi chamado por Deus para pregar as boas-novas da libertação do pecado através de Cristo Jesus; proclamar a esperança aos oprimidos; anunciar o estabelecimento do reino de glória, justiça, amor e paz, de nosso Senhor e Salvador. Quando o pastor vai em busca de popularidade, deixa de ter a mente de Cristo, perde a simplicidade e o poder da pregação, enchendo-a de sabedoria humana que não satisfaz a fome do rebanho.

“Se trabalharmos para criar excitação do sentimento, teremos tudo quanto queremos, e mais do que possivelmente podemos saber como manejar. Calma e claramente ‘prega a Palavra’. Importa não considerar nossa obrar criar excitação. Unicamente o Espírito de Deus pode criar um entusiasmo são.

Deixai que Deus opere, e ande o instrumento humano silenciosamente diante dEle, vigiando, esperando, orando, olhando a Jesus a todo momento, conduzido e controlado pelo precioso Espírito que é luz e vida.” – *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, págs. 16 e 17.

É dever do pastor alimentar o rebanho com a pregação da Palavra: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir’. Vivía, meditava e orava não para Si mesmo, mas para os outros. Depois de passar horas com Deus, apresentava-Se manhã após manhã para comunicar aos homens a luz do Céu. Cotidianamente, recebia novo batismo do Espírito Santo. Nas primeiras horas do novo dia, o Senhor O despertava de Seu repouso, e Sua alma e lábios eram unguidos de graça para que a pudesse transmitir a outros. As palavras Lhe eram dadas diretamente das cortes celestes, palavras que pudesse falar oportunamente aos cansados e oprimidos.” – *Parábolas de Jesus*, pág. 139.

Para desenvolver um pastorado profícuo e vitorioso, o pastor precisa submeter-se cada dia, ao controle do Espírito Santo, para que Ele coloque em seus lábios as palavras de graça e poder, que atinjam o íntimo da alma e transformem pecadores em filhos de Deus.

“Cristo estará com todo pastor que, embora não tenha alcançado a perfeição de caráter, está procurando com o maior fervor tornar-se semelhante a Cristo. Tal pastor orará. Choraré entre o alpendre e o altar, clamando com angústia de alma para que com ele esteja a presença do Senhor...” – *Testemunhos Para Ministros*, pág. 143.

Não espere ser em seu pastorado o homem perfeito, com todas as grandes qualidades dos santos homens de Deus do passado. Eles também tiveram suas lutas, derrotas, seus fracassos e frustrações. Porém, nunca se entregaram ao desânimo e, pela graça de Deus e a atuação do Espírito Santo na vida, tornaram-se semelhantes ao Modelo. Foram chamados de amigos de Deus, amados do Senhor, homens segundo o coração de Deus.

“Os homens estão olhando para métodos melhores; mas Deus está olhando para homens melhores.” Companheiros pastores, que a atuação do Espírito Santo nos transforme em homens capazes de abalar o poder das trevas e irradiar o poder da glória redentora de Jesus. ◉

NEM ASSIMILAÇÃO NEM SEPARAÇÃO



Samir Selmanovic

Ph.D., pastor em
Highland, Califórnia,
Estados Unidos

**Somos
enviados
a viver e
testemunhar no
mundo atual,
como Cristo o fez
quando esteve
na Terra**

Desde que comecei a pastorear igrejas em uma grande cidade, aproximadamente sete anos atrás, tenho me perguntado: Se nosso Senhor amou tanto o mundo, por que não deveríamos amá-lo também? E estou começando a imaginar que nosso temor da cultura secular não é tanto uma consequência da nossa piedade, mas da nossa falta de amor e interesse pelos inconversos que vivem nas grandes cidades.

O ministério da igreja primitiva foi caracterizado por seu excessivo amor pelos seres humanos. Ela expandiu o amor de Jesus através da humildade, inclusão, generosidade e martírio. Porém, hoje, o quadro é diferente, e isso pode ser visto em três momentos históricos. Primeiro, no quarto século, durante o reinado de Constantino, uma igreja que tinha sido humilde, embora um potente movimento espiritual, transformou-se num dos maiores poderes seculares de todos os tempos. Durante esse período, ela desenvolveu sua própria cultura de orgulho, exclusão, ganância e perseguição. De uma forte influência contracultural tornou-se definidora e apoiadora da cultura do mundo. A igreja serva passou a ser a Igreja conquistadora.

O segundo momento foi o Iluminismo, quando a Igreja foi destronada de sua posição e permaneceu na sociedade apenas com um mandato para adaptar-se, apoiar e referendar os recém-entronizados valores da razão e do progresso. Passou de agente a protetor da cultura. A Igreja conquistadora foi rebaixada ao papel de depositária.

Como terceiro momento, temos o pós-modernismo, que surgiu na segunda metade do século 20 e completou o processo de marginalização da Igreja, transformando-a simplesmente em uma das muitas vozes na reinante halbúrdia ideológica. Nesse processo, ela deixou de ser depositária para ser parte da cultura.

Com esses três saltos, a Igreja cristã tem se tornado uma espécie de peregrina exilada em um mundo urbano hostil, secular, pluralista e politeísta. Como deveríamos amar esse mundo? Seria esse, ainda, o nosso dever?!

LIÇÕES DO EXÍLIO

O povo de Deus já esteve num exílio, antes – em Babilônia, por exemplo. Babilônia tinha uma cultura hostil, pluralista, politeísta e divorciada da educação, das artes e da sociedade bíblica. O soberano babilônico tinha apenas um alvo para Israel: assimilação. Isso era atrativo aos israelitas, porque representava uma promessa de prosperidade econômica e aceitação social. O falso profeta Ananias (Jer. 28), porém, tinha outro alvo para eles: separação. Permanecer fora da cidade, impolutos, e orando pelo julgamento divino contra a cidade pagã parecia ser mais condizente com sua herança.

As duas opções ainda estão abertas. Muitas denominações têm aderido à idéia de assimilação. Isso ocorre quando a teologia da Igreja é desnaturalizada, perdendo assim sua autoridade e identidade, tornando-se indistinta da cultura prevalecente, assumindo seu sistema de valores e costumes. Também pode ocorrer através da criação de uma subcultura dentro da cultura dominante. As subculturas normalmente são diferencia-

das por indicadores sociais externos, tais como regime alimentar, modo de vestir, hábitos socioculturais e jargões religiosos. Porém, elas não exibem um sistema de valores verdadeiramente diferente. Em outras palavras, são diferentes apenas em sua maneira de ser.

Há grupos cristãos que optam por separar-se, criando guetos, isolando-se em suas instituições. O atrativo desse modelo é o sentido de segurança e superioridade que alguém consegue, vivendo em uma “cultura impoluta”, e sentindo-se justificado por denunciar a deterioração da cultura secular. Os que o adotam somente podem viver como cristãos se exercitarem um controle cultural nos respectivos grupos. Dissociados da sociedade secular, eles envidam esforços para crescer numericamente, orando para que Deus suscite pessoas que se unam à sua cultura.

Nos dias de Jeremias, embora Israel oscilasse entre assimilação e separação, Deus revelou Sua vontade ao Seu povo no exílio: “Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos os exilados, que Eu deportei de Jerusalém para a Babilônia: Edificai casas, e habitai nelas; plantai pomares, e comei o seu fruto. Tomai esposas e gerai filhos e filhas, tomai esposas para vossos filhos, e dai vossas filhas a maridos, para que tenham filhos e filhas; multiplicai-vos aí, e não vos diminuais. Procurai a paz da cidade para onde vos desterrei e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz.” (Jer.29:4-7).

Esse conselho deve ter soado completamente assombroso para os israelitas. Era contrário a tudo o que pensavam que Deus diria. A mensagem contém a idéia de que o exílio era parte do plano de Deus quanto ao cuidado de Seu povo. Mas todos os atos de Deus são derivados do Seu amor. Jeremias descreveu o exílio como bênção dis-

farçada de maldição. O exílio foi usado por Deus para despir Seu povo do poder de sua cultura, a fim de dar-lhe algo mais precioso. E a mensagem revela essa bênção denunciando tanto a assimilação como a separação.

Deus adverte Seu povo a não assimilar e conservar a identidade de Babilônia; e também o aconselha a não separar-se dela, mas estabelecer-se na cidade. Ao retirar o poder dos israelitas, Deus planejava conduzi-los em uma experiência através da qual eles aprendessem a amar verdadeiramente e abençoar as pessoas no mundo. Essa foi a razão pela qual a nação de Israel foi instituída (Gên. 12:2 e 3). Nesse sentido, o compromisso de Deus aprofunda-se. Orar em favor da paz da cidade (Jer. 29:7) significava pedir a Deus por seu completo bem-estar espiritual, emocional, material e social.

Movendo-nos da experiência de Israel para o nosso tempo, consideremos como Deus pode dirigir-se a nós, aqui e agora: “Eu removi seu poder cultural e quero que viva como exilado. Não quero que viva separado, lamentando o estado cultural que o cerca. Não quero que você vá às cidades seculares apenas para construir igrejas. Quero que penetre a vida da cidade, veja quão despedaçada ela está, e envolva-se nela. Quero que você trabalhe, ore e se esforce para fazer dela um grande lugar, um lugar melhor.

“Desejo que você construa, ame e sirva ‘Babilônia’ melhor que os ‘babilônios’. E quero que faça tudo isso, conservando sua identidade e seus valores como israelitas espirituais. Quero que você faça o melhor que puder em favor da cultura prevalecente, enquanto vive distintamente como Meu povo. O que quero dizer é isto: não assimile, amando a cidade e Me esque-

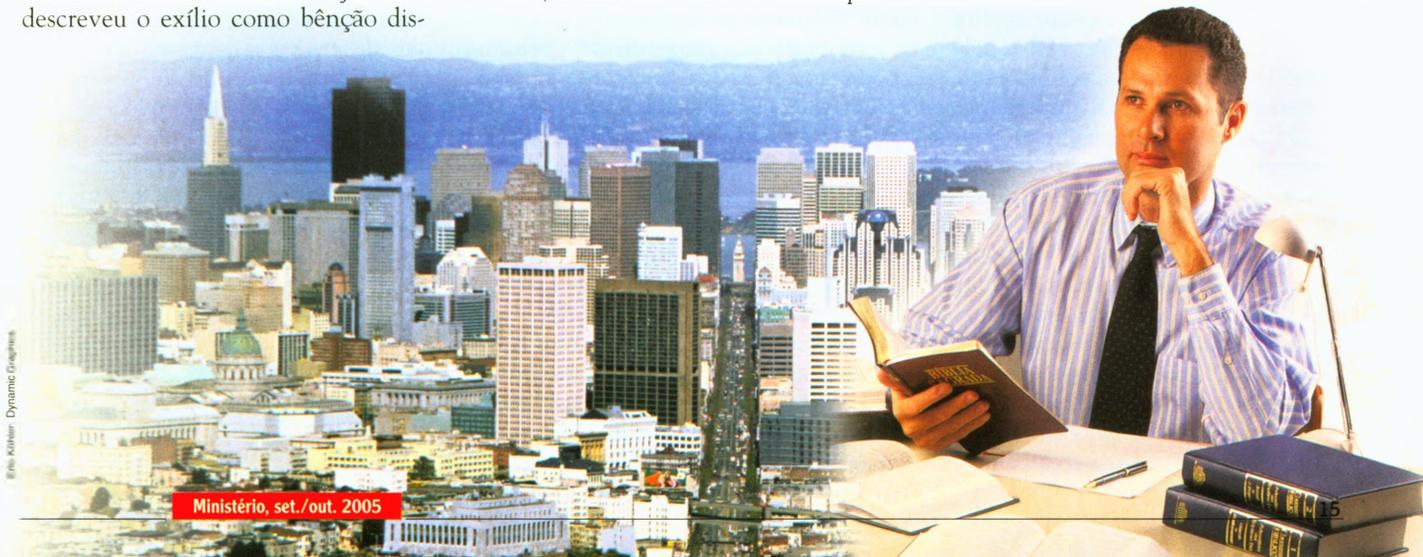
cendo. Porém, ao mesmo tempo, não se separe, amando-Me e odiando a cidade. Em resumo, viva na cidade como o Cristo encarnado viveu na Terra entre o povo.”

OS CRISTÃOS E A CIDADE

O profeta Daniel conhecia a controvertida mensagem de Jeremias aos israelitas exilados. Embora alcançasse posição de liderança no governo babilônico, ele dominava as ciências conforme eram praticadas em Babilônia. Moveu-se habilmente na cultura pagã e agiu positivamente dentro dela. Era integrado, flexível e proativo, mas sempre manteve um inegociável compromisso com seu monoteísmo, e lealdade ao Deus de seus pais. Daniel viveu uma vida na qual nem se separava da cultura de Babilônia nem era assimilado por ela.

Lembrando a bem conhecida experiência da cova dos leões (Dan. 6), vemos que, embora ele respeitasse e honrasse a cultura babilônica e ocupasse um posto elevado, manteve-se firme em sua distintiva fé israelita, a ponto de preferir morrer a transigir. Se Daniel fez isso, por que não podemos agir de maneira idêntica? Como testemunhar com êxito entre atores, advogados, empresários e cantores cristãos, quando vivemos em Babilônia? De que maneira a Criação, a Ressurreição de Cristo e Seu retorno iminente causarão impacto no dia-a-dia de uma grande cidade?

As respostas podem não vir facilmente; a Bíblia não possui nenhum livro de regras sobre “como fazer”. Temos de lutar através do nosso caminho, ajudando-nos mutuamente a descobrir como ser um discípulo urbano. Se não lutarmos com essas questões, de uma



forma ou de outra, seremos assimilados. Se nos desesperarmos por causa da falta de regras e nos esquivarmos de nossa vocação, ficaremos separados.

Não podemos nos esquecer que separação do mundo é tão fatal como assimilação. É bom viver em lugares onde os cristãos não são a força, onde nossos amigos não são cristãos. A cidade é o lugar onde a fé é seriamente desafiada e onde muitas das nossas respostas são consideradas superficiais. Mas isso nos força a crescer e refinar nossa fé.

Vivendo na cidade, compreendemos que ali existem muitos incrédulos inteligentes e virtuosos. É possível encontrar maravilhosos budistas, muçulmanos e mesmo ateus. Caso nossa fé seja abalada por isso, e comecemos a questionar as razões pelas quais somos cristãos, significa que jamais compreendemos realmente a essência do evangelho. Se não podemos encontrar alegria na bondade de não crentes, isso mostra que sempre pensamos que somos salvos através de nossa bondade. A cidade necessita de nós, para restaurá-la, mas nós também necessitamos da cidade. Ela desafia nossa compreensão do evangelho e aprofunda nossa experiência cristã.

DESAFIO À CULTURA

As culturas metropolitanas são como a nave espacial Borg, da série de ficção científica "Jornada nas estrelas". Borg é uma civilização que viaja através do universo em grandes cubos pretos, assimilando outras civilizações. Elas projetam a mensagem: "É inútil resistir; você será assimilado." Há duas opções oferecidas por Borg: fugir, ou tornar-se Borg. Mas os cristãos não devem nem fugir de uma tal cultura, nem mergulhar nela. Devemos ser o povo que entra em Borg e liberta sua população. Devemos ser uma contracultura; uma "comunidade de resistência", como Dietrich Bonhoeffer declarou.

Pedro diz aos cristãos do primeiro século que, quando eles receberam a graça, se tornaram "peregrinos e forasteiros" no mundo (I Ped. 2:11). O mundo será, ao mesmo tempo, atraído e repellido pelos cristãos. Jesus personificou esse enigma. Ele era muito atraído, mas até Seus familiares tiveram dificuldade para crer nEle; não sabiam muito como relacionar-se com Ele. Tratavam-no com desrespeito.

À medida que nos assemelharmos a Jesus, nos tornaremos também um

enigma. As pessoas balançarão a cabeça diante de nós. Não podemos ser nada mais que um enigma, se cremos em coisas tais como: "servir é melhor que ser servido"; "morrer é melhor que matar", se oramos em favor dos nossos inimigos, ou se lutamos a batalha da vida com as armas do perdão, humildade e sacrifício. Na média da cultura urbana, somos estranhos. E aqui está o âmago da tendência contra os cristãos, nas cidades secularizadas: as pessoas vêem alguma coisa que não compreendem. Quando você diz: "Eu conheço Deus", está pensando em Sua graça estendida a você. Para elas, entretanto, isso soa extremamente arrogante. "Você conhece Deus? Por que deveria Ele Se revelar a você? Talvez você esteja pensando que tem um relatório moral melhor ou superior ao nosso."

O que, para nós é uma declaração de humildade, soa como afirmação de arrogância. O mundo tem dificuldade em aceitar a graça e, assim, pensa que tudo o que é cristão é algum tipo de escândalo. E é! É o escândalo celestial, o escândalo da graça. Deus planejou nossa salvação de modo que pudéssemos ter vida abundante.

O cristianismo está ausente na vida de muitas metrópoles. Após décadas de trabalho, um dos grandes missiólogos urbanos, Ray Bakke, falou sobre seu aprendizado: "Eu pensava que as barreiras à missão eram as grandes, rebeldes cidades. Mas 90% das barreiras para alcançá-las não estão nelas. As barreiras estão em nossa teologia, nossas estruturas e atitudes."² Desse modo, aqui estão três maneiras pelas quais nossa Igreja pode equipar os pastores e congregações urbanos para testemunhar nas metrópoles às quais foram enviados.

TRÊS SUGESTÕES

Radicalizar nossa teologia. Se queremos enfrentar o desafio da cultura onde vivemos, devemos construir uma teologia que vá além de um simples argumento de esquerda ou direita. Devemos abandonar a postura legalista e fazer emergir a genuína espiritualidade cristã adventista. Essa teologia deve ser germinada no campo da missão urbana, e oferecer um guia para a vida real no mundo secular. Por um lado, deve desviar seu foco e energia da preservação dos indicadores culturais do cristianismo e do adventismo. Por outro lado, deve afastar-nos do balcão de negociação dos nossos valo-

res e da aceitação dos valores e pensamentos da cultura que nos cerca.

A formulação de uma teologia assim vai nos inspirar não a ser menos radicais, mas a ser mais radicais do que vemos hoje nas igrejas consideradas conservadoras ou liberais.

Reconhecimento da beleza da cidade. Podemos nós aprender a ver a graça e a beleza de Deus nas ruas das grandes cidades? Deveríamos nos converter de nosso cinismo a respeito das metrópoles, seguir o conselho de Jeremias e trabalhar para abençoá-las.

Quando a Nova Jerusalém descer, todos seremos urbanos. Nosso coração pode alegrar-se quando vemos uma montanha, cachoeira ou árvore, mas também deveria fazê-lo, diante de um superlotado metrô, modernos arranha-céus, largas e bem pavimentadas avenidas. Isso porque nesses locais há pessoas, e são elas que levam alegria ao coração de Deus. Há, certamente, violência, sofrimento e injustiça nas grandes cidades, mas Deus sempre foi interessado em pecadores, porque onde o pecado é abundante, a graça é superabundante (Rom. 5:20).

Reestruturação institucional. As igrejas das metrópoles necessitam de recursos para enfrentar os desafios, causar impacto na vizinhança e se tornarem lugares de refúgio. Habitantes esclarecidos das metrópoles simplesmente rejeitam unir-se ou apoiar uma estrutura eclesial que tira os recursos da igreja local. Salvo algumas raras exceções, esse assunto ainda é um tabu.³

Mudanças organizacionais são difíceis para qualquer instituição longamente estabelecida. Porém, se colocarmos a missão e o ministério acima da manutenção e autopreservação, Deus recompensará grandemente qualquer sacrifício. Testemunharemos a mais dinâmica e efetiva ação evangelística que alguém pode imaginar: autênticas comunidades locais de crentes capacitadas para adorar e servir ao Senhor diante do mundo. Então, cada igreja poderá ser uma "cidade edificada sobre o monte" (Mat. 5:14), como Jesus planejou, iluminando o mundo. ☺

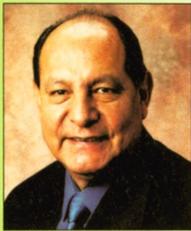
Referências:

¹ George Knight, "Another Look at City Mission", *Adventist Review*, dezembro de 2001.

² Ray Bakke, "Loving an Urbanized World", *Renewal Web Site*.

³ Ver George Knight, *The Fat Lady and the Kingdom* (Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1995).

“EU TAMBÉM VOS ENVIO”



Alejandro Bullón

Secretário ministerial
da Divisão
Sul-Americana

**Como
discípulos
medrosos foram
transformados
em homens
destemidos que
deram a vida
pela missão**

Tudo havia terminado. Aparentemente, os sonhos estavam desfeitos, despeçados como cacos espalhados no chão da História. Já era domingo, ao cair da tarde, e Jesus, o amado Mestre, não estava apenas morto. Seu corpo tinha desaparecido; não estava mais na tumba. Impressiona-me bastante o modo com que João começa o seu relato da história: “Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana...” (João 20:19). Você já observou que a tarde sempre chega para todos nós? À medida que a tarde avança, chegam também as sombras, as trevas, a escuridão. Sombras freqüentemente são símbolo de tristeza, dor e medo.

Segundo o relato de João, as sombras envolviam a vida dos discípulos de Cristo naquela ocasião. Eles estavam tristes. Todos os castelos que tinham construído, ao longo de três anos, pareciam ter desabado. Aquele que eles imaginavam ser o Messias, o libertador de Israel fora crucificado como um marginal. Eles mesmos estavam sendo perseguidos. Por isso, esconderam-se, e as sombras daquela tarde penetravam-lhes a alma.

Observe como o evangelista continua a narração: “...trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-Se de pé no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco!”

MISSIONÁRIOS TEMEROSOS

Para entendermos e aceitarmos a missão de Jesus, necessitamos entender o que esse texto nos diz com respeito às atitudes de Cristo e dos discípulos. Estes demonstravam uma atitude de medo. Sabemos que o medo paralisa. Uma pessoa com medo é incapaz de fazer qualquer coisa; e, quando o medo se transforma em pânico, pode até fazer algo, mas faz loucuras. Como pode uma pessoa enlouquecida pelo medo cumprir alguma missão? Imaginemos aquele grupo de bravos pescadores, forjados nas terríveis tormentas e nas ondas do mar bravo, agora reunidos com as portas trancadas, “com medo dos judeus”.

Porventura, não mais se lembravam da ordem de Jesus, antes de Sua morte: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo”? (Mat. 24:14). Como poderiam pregar, estando atrás das “portas trancadas”? Parte do mundo que deveria receber o evangelho era composta por judeus, mas os discípulos estavam se escondendo justamente deles. Podemos ver como o medo destrói a visão, os sonhos e a vontade de realizar coisas.

Então, Jesus apareceu. Graças a Deus, Jesus sempre aparece para encorajar, animar e dar uma nova oportunidade. Se dependesse dos discípulos, a missão teria sido sepultada naquela tarde sombria, na casa onde estavam reunidos com as portas trancadas. Mas Jesus apareceu e “colocou-Se no meio deles”. Por que não Se colocou ao lado deles? Por que não Se colocou perto ou em frente deles? Porque Ele é o personagem catalisador, o fator de unidade, o centro de tudo, o fundamento, a pedra angular; Ele é tudo. Sem Ele, não há evangelho nem evangelização. Essa é a primeira coisa que precisamos lembrar, antes de pensar na missão ou em qualquer atividade evangelística.

DISSIPACÃO DO MEDO

Jesus chegou e cumprimentou os discípulos: “Paz seja convosco!” No idioma hebraico, *paz* é *shalom*, que não é apenas um cumprimento. *Shalom* é muito mais do que simplesmente harmonia ou ausência de guerra. Na verdade, essa é uma das palavras de sentido mais abrangente no dicionário hebraico. Jesus a usa duas vezes no curto relato apresentado por João, entre os versos 19 e 23 do capítulo 20.

Como podiam os discípulos ter paz, se viviam em um mundo de conflito? Acaso os judeus não os estavam procurando para dar-lhes o mesmo fim que ao seu Mestre? Por que deveríamos ter paz, hoje, se vivemos em meio a tanta violência? Jesus nos dá a resposta. Ele mostrou para os discípulos as feridas ainda abertas em Suas mãos. Mostrou Seu sacrifício, Sua obra gloriosa na cruz. Por aquelas feridas esvaziou-se o Seu sangue. Sangue é vida. Jesus estava querendo dizer que Sua morte trouxe vida ao ser humano, que a dívida do homem para com Deus estava quitada e que ninguém mais precisava ter medo de nada. Nem da morte, nem do passado, presente ou futuro, nem dos principados e potestades, nem dos judeus, muito menos deveriam ter medo de cumprir a missão.

Um povo com medo é incapaz de cumprir uma missão. Por isso, era preciso expulsar o medo daqueles corações. Para fazê-lo, Jesus não apareceu apenas com a força de Sua palavra, que já seria suficiente. Apareceu com o argumento incontestável do fato: mostrou Suas feridas. Para que tudo isso? Para apresentar a missão: “Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos

envio”, Ele declarou (João 20:21). Aqui é possível vermos novamente a coerência da palavra. “Eu vos envio” é uma ordem, mas não é só palavra. Está acompanhada do fato: “o Pai Me enviou”. Jesus não enviaria ninguém se, primeiramente, não tivesse sido enviado. Ele espera que nós aceitemos, hoje, o Seu convite de ir, porque Ele veio primeiro. Palavra e fato estão unidos de maneira extraordinária na vida do Senhor Jesus.

Quem era você antes de ser um ministro do evangelho? Quem seria você, se não fosse um pastor? A eternidade inteira não seria suficiente para que eu, pessoalmente, pudesse agradecer a Deus por haver alcançado, um dia, a minha família com a luz do evangelho. A mensagem do evangelho abriu os olhos de minha mãe para enxergar as bênçãos da educação cristã. Então, ela tratou de convencer meu pai para que a família se mudasse para a vizinhança do colégio cristão onde aceitei o convite de Jesus no sentido de preparar-me para ser um enviado Seu como pastor.

PREGADORES DESTEMIDOS

Por que ter medo? Acaso, Jesus não está em nosso meio, mostrando-nos Sua obra de redenção? Acaso, Ele não ressuscitou, derrotando a morte e declarando Sua vitória definitiva sobre as forças do mal? Jesus é capaz de encontrar vidas paralisadas, semi-destruídas, acanhadas ou desesperadas. Ele é capaz de buscar pessoas escondidas, tímidas, envergonhadas atrás das portas da vida, trancadas pelas circunstâncias mais adversas. Jesus sempre está disposto a fazer renascer essas pessoas e enviá-las para cumprir a missão.

Na tarde daquele domingo, depois de desejar paz a Seus discípulos, depois de enviá-los ao mundo para cumprir a missão, Jesus fez mais duas coisas: “soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo” (João 20:22). Lembra-se da primeira vez em que Deus soprou? Foi na criação, para dar vida a um corpo de barro. Sem o sopro divino, não somos mais do que barro. Paulo diz: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro” (II Cor. 4:7). Ai de nós, se um dia acharmos que, pelo fato de termos aceitado o ministério, somos o tesouro. Nós somos os vasos de barro. O tesouro é Jesus. É Ele quem nos dá vida, força, poder e valor. Foi o sopro divino que trouxe vida a um corpo de barro. Foi o sopro de Jesus que transformou aquele grupo de medrosos discípulos em homens destemidos, que saíram pelos quatro cantos da Terra pregando o evangelho, sem importar-se com a própria vida.

Se Jesus foi capaz de fazer maravilhas na vida daqueles homens, é capaz de fazer o mesmo em nós, para nós e através de nós. Por isso, ao ensino de mais um “Dia do pastor”, eu o convido, caro companheiro, a refletir sobre sua própria história; a deixar-se encontrar mais uma vez por Jesus. No silêncio do seu coração, olhe mais uma vez para as cicatrizes nas mãos de Cristo, contemple Seu amor por você, escrito com sangue, e ouça o Seu convite: “Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio.” Depois, sinta o sopro suave de Jesus trazendo vida, perdão e poder para cumprir a missão. Receba o Espírito e vá, sem medo, a uma nova dimensão em seu ministério. ■



AO MUNDO TODO



Mário Veloso

Ph.D., pastor jubilado,
reside na Califórnia

**Alvo,
estratégias
e métodos
missionários
já foram
estabelecidos
por Deus.
Nossa parte é
aceitar o
mandato**

Há, nas Escrituras Sagradas, vários textos sobre a missão, os quais contêm princípios que nos ajudam a cumpri-la de acordo com a vontade de Deus. Podemos começar pelo evangelho de João. Ali, encontramos a primeira ocasião em que Cristo comunicou a missão para os discípulos. Foi no início da noite do domingo da ressurreição, após a conversa que teve com dois deles no caminho de Emaús. Jesus os encontrou reunidos no cenáculo, tristes, medrosos, lamentando os acontecimentos dos últimos dias. E lhes disse: “Paz seja convosco! Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo” (João 20:21 e 22).

Aqui, a missão aparece na linguagem do “envio”. Os apóstolos são enviados, assim como Cristo foi enviado. Aliás, no evangelho de João a missão de Cristo aparece com a palavra “enviar”. No idioma grego, a idéia de enviar é apresentada com duas palavras: uma é o verbo “apostoleo” de cuja raiz surge a palavra “apóstolo”. A outra palavra básica que se aplica a uma parte específica da missão, no grego, significa “tempo”. Dessa não temos derivada na língua portuguesa. Contudo, ela tem o sentido de alguém que é enviado, mas também participa, pessoalmente, na decisão do seu próprio envio.

No mundo grego, essa era a palavra com que se identificava um embaixador. O embaixador era um enviado. A idéia de representação está presente na missão, pois o enviado representa aquele que o envia. Porém, é um representante ativo; não apenas aceita, mas se envolve pessoalmente na missão. Sua própria determinação está incluída.

Dessa forma, o primeiro conceito da missão é claro: estamos no mundo como representantes de Deus. A estratégia a ser desenvolvida deve estar fundamentada na idéia de representação. A pregação do evangelho não é somente uma questão de palavras, mas de vida, porque quem representa outro faz isso com sua personalidade inteira. Um embaixador não representa seu país somente quando está falando, mas através de toda a sua maneira de viver. O embaixador é o seu país no lugar onde este é representado.

A Igreja cristã será representante de Cristo em todos os lugares onde se fizer presente. Por isso, temos de cumprir a missão como se Cristo estivesse aqui. “Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio”. A missão é a mesma. Não podemos fazer diferente. Quando pensamos nas atividades pelas quais cumprimos a missão, não podemos fugir do sistema da Bíblia, colocando em nossas atividades nossas próprias idéias ou nosso modo de pensar. Somos representantes e, como tais, apenas decidimos participar. O conteúdo e a estratégia são a parte de Deus.

ENVIADOS COM PODER

Depois daquele domingo, encontramos a declaração de Jesus no sentido de que os discípulos deveriam esperar até que o poder viesse da parte do Pai. Só então poderiam ir. Lucas relata: “Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em Seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas des-

tas coisas. Eis que envio sobre vós a promessa de Meu Pai; permaneei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (Luc. 24:46-49).

O envio do Mestre não significa simplesmente receber a missão e ir. É um estilo de vida que devemos desenvolver, mas não antes que sejamos “revestidos de poder”. Sem poder, ninguém pode ir. Missão não é um ativismo religioso, como se fosse um ativismo político. A base espiritual aparece aqui como elemento fundamental de uma estratégia. Como poderíamos alcançar o último habitante da Terra sem o poder? A missão é produto de uma experiência espiritual. Se não for assim, será um fardo tristemente conduzido. Não haverá alegria na missão, enquanto ela for uma atividade promocional, e não uma experiência cristã alegremente irresistível, que salta de um coração cheio do Espírito Santo.

O ALVO E O MÉTODO

A grande comissão é assim descrita: “Jesus, aproximando-Se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mat. 28:18-20).

Nessas palavras encontramos o alvo, a estratégia e o método para o desempenho da missão. Primeiramente, destacamos a ordem: “Ide ... fazei discípulos”. Poderíamos dizer que a ordem foi discipular: transformar alguém que não é discípulo num discípulo. E, segundo as palavras de Cristo, há duas maneiras de fazer isso: ensinando e batizando.

O alvo da missão é “todas as nações”, também presente no evangelho de Marcos: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mar. 16:15). O mundo todo; toda criatura, eis o alvo geográfico. O alvo demográfico é ir a todas as pessoas. De que maneira? Ensinando e batizando. Não deveríamos transformar o método em alvo. Mas esse é o nosso problema; e toda vez que isso acontece há perda de energia e de orientação. Estamos crescendo cada ano, mas ainda crescemos pouco diante do nosso objetivo final. E sofreremos porque batizamos pouco, achando que não atingimos o alvo.

Quando, em uma campanha de evangelização, batizamos apenas uma pessoa, ficamos tristes, embora o evangelho assegure que “há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (Luc. 15:10). Mas nem sempre experimentamos essa felicidade, porque, para nós, o número “um” não traz alegria. Para nós, felicidade é “mil”. Para Deus, “um” e “mil” significam a mesma coisa. Corremos o risco de perder a felicidade da missão por avaliarmos mal a dedicação das pessoas.

“Missão é um estilo de vida que devemos desenvolver, mas não antes que sejamos ‘revestidos de poder’. Sem poder ninguém pode ir. Missão não é ativismo religioso ... é produto de uma experiência espiritual”

Devemos crescer em nosso processo de avaliação. Todos devem participar da alegria da missão. Não há necessidade de alguém se esconder temendo o julgamento dos números. Não temos que conquistar apenas algumas centenas de pessoas. O alvo é o mundo inteiro, toda pessoa, cada canto do planeta, do território da Divisão, União, Associação ou Missão, do distrito. E quando todo o nosso território estiver evangelizado, a missão ainda não findou. É preciso colaborar para alcançar lugares ainda não penetrados em outras jurisdições.

MISSÃO FINAL

No primeiro texto bíblico sobre a missão do tempo do fim, lemos: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas

as nações. Então, virá o fim” (Mat. 24:14). Novamente encontramos o alvo: todo o mundo. O Apocalipse também possui textos sobre a missão do tempo do fim. O primeiro é este: “Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis” (Apoc. 10:11), onde também está presente o conceito do alvo geográfico – o mundo todo.

Profetizar não é apenas pregar como um anunciador público, como aparece em Mateus 28. Nesse caso, trata-se de um arauto que anuncia publicamente, sem se preocupar com a aceitação ou não, por parte das pessoas, à sua mensagem. Seu dever é que as pessoas recebam a mensagem do rei; e, se elas vão atender ou não, isso não lhe diz respeito. Contudo, o ato de profetizar implica dois tipos de conhecimento. Em primeiro lugar, está o conhecimento íntimo da pessoa a quem se comunica a mensagem. Em segundo lugar, o conhecimento dos fatos que vão acontecer. Isso exige preparo para conhecer as pessoas e a mensagem. Esse é o critério bíblico para o ensino e a pregação nos últimos tempos, e isso é o que significa profetizar.

Como podemos profetizar? Utilizando a profecia, ensinando a Bíblia. Vivemos em uma época apropriada à evangelização com a mensagem da profecia, porque todas as profecias estão se cumprindo. A mensagem mais importante, mais relevante, apropriada, e que se harmoniza com a necessidade da época é a profecia.

Finalmente, em Apocalipse 14:6, João escreve: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo.” Notemos: a Terra, cada nação, cada tribo. A todas as pessoas.

Sonhamos com o dia em que todo o povo de Deus compreenda o verdadeiro espírito da missão e sinta alegria de participar. Para isso, devemos simplesmente seguir a orientação da Bíblia. É nela que devemos fundamentar o estabelecimento de nosso alvo missionário, nossos métodos e estratégias. Só iremos sentir a verdadeira alegria no trabalho de Deus, quando estivermos abertos para que o Espírito Santo opere à maneira dEle; quando obedecermos cada item da Palavra, e cada um estiver realizando a parte para a qual foi enviado por Cristo. ✪

O PASTOR DO SÉCULO 21



William Colburn

Pastor em Ventura,
Califórnia,
Estados Unidos

Apesar das lutas, nenhuma atividade é mais compensadora do que o pastorado

Meu dia de trabalho tinha começado às 7h, e eu ainda estava trabalhando às 22h. Encontrava-me no automóvel conversando com um membro da igreja, no estacionamento da sua residência, a cerca de 30 quilômetros da minha casa. Naquela noite, estivemos juntos em nosso pequeno grupo. Felizmente, a reunião incluiu um lanche, do contrário, eu ainda estaria sem comer.

Poucos meses antes, participamos de um projeto missionário de construção, na Ásia. Ali, enfrentamos mosquitos, desafios do idioma, alimentos com risco de doenças para nosso estômago, e práticas culturais diferentes do nosso estilo de vida. Apesar de tudo, agradei a Deus a oportunidade de trabalhar com esse valoroso irmão. Alegrei-me com sua benevolência cristã demonstrada a toda pessoa em qualquer circunstância. Como construtor, ele empregou naquele ministério seu tempo, energia e habilidade.

Nossa conversa girava em torno de um acidente que alterou a sua vida, roubando-lhe boa porcentagem de sua capacidade visual. Foi uma daquelas experiências que nos levam a perguntar: “Por quê?” Meu amigo foi súbita e traumáticamente confrontado com um obstáculo físico que o afastou de sua profissão.

Primeiramente, ele lutou com todas as perguntas costumeiras. Mas, sua fé em Deus o reorientou admiravelmente. Agora, ele estava confiante em que Deus queria ensiná-lo, através da tragédia, como usar a perda para a Sua glória. Meu coração agonizou e, ao mesmo tempo, se alegrou por ele. Quando estávamos terminando a conversa, ele me perguntou como eu estava indo.

“Eu?”, respondi. “Oh, sim, vou bem, obrigado! A semana está agitada, mas Deus é bom.”

Ele então continuou: “Deve ser muito difícil ser pastor. Nossa igreja tem enfrentado tantas tragédias ultimamente, e você está presente em todas elas. Como consegue manejar tudo isto e ainda ter alguma coisa para dar à próxima pessoa?”

Num relance, passou em minha mente tudo que exigiu minha atenção justamente naqueles últimos quatro dias. Estávamos na quarta-feira à noite, e eu já tinha trabalhado 50 horas. Respondi-lhe: “Deus me chamou para este trabalho e, em sua maior parte, eu realmente o desfruto. Ainda estou aprendendo como orar incessantemente e confiar em Deus, para obter a sabedoria e a força necessárias para cada momento. Ele é o Pastor e eu sou apenas Seu subpastor.”

Ao nos despedirmos, meu amigo disse: “Estarei orando para que o restante de sua semana seja calmo.”

DESAFIOS PASTORAIS

Dirigindo de volta para casa, cansado, sonolento, e ansioso para rever minha família, pensei mais um pouco sobre o que significa ser pastor.

Primeiramente, cada semana a congregação espera que eu pregue um sermão cujas palavras, ela também imagina, lhe cheguem diretamente do trono de Deus. Por isso, levo muito a sério o preparo do sermão. Peço a Deus sabedoria para expor o texto bíblico de

um modo que os recém-nascidos no Senhor possam compreender. Oro por uma ilustração prática que sirva como âncora para o navio da verdade na consciência de minha igreja. Peço que o Senhor me dê inteligência para alcançar os santos de cada geração sob meus cuidados. Humilha-me a compreensão de que não tenho idéia sobre como cumprir a tarefa para a qual Deus me enviou. Porém, Ele nunca me desaponta.

Graças à tecnologia, podemos fazer em uma tarde o que pastores do passado levavam um mês para fazer

No entanto, há muito mais para fazer: aconselhar, administrar, instruir, estudar, captar recursos financeiros, assistir a reuniões, e por aí vai. O pastorado, hoje, é muito desafiador e exigente. Em muitas partes do mundo, a complexidade da igreja do século 21 eliminou a idéia de “qualquer pessoa faz isto”. Quando examinamos um voluntário em potencial para certas atividades, sentimos que devemos confrontá-lo com algumas questões um tanto invasivas, antes de lhe permitir trabalhar a sós com nossas crianças. Uma certa neurose social nos tem despertado para as regras éticas, quando se trata de relacionamentos – homem/mulher, adulto/criança, casado/solteiro. A constante possibilidade de litígio convence-nos a ficar alertas para os riscos de gerenciamento pessoal.

Em muitos países, leis de construção civil desqualificam voluntários para mitrões de reforma de templos nos fins de semana. Ao lado disso, há leis requerendo a supervisão de relatórios financeiros e aplicação de cada centavo. Tudo o que se relacione com igreja exige habilidade pastoral.

Não é exagero dizer que a cultura prevalecente, de modo geral, desconsidera o papel da liderança pastoral. A ausência de respeito é implícita, se não explícita. Qualquer pessoa, seja ela qualificada ou não para o ministério, parece querer ter o mesmo direito de estabelecer a teologia para a igreja.

Um pastor já não pode marchar à frente, tacitamente, esperando que o rebanho o siga; não pode estar certo de que será visto como um guia especializado para orientar a vida espiritual.

SOBE-E-DESCE EMOCIONAL

Em adição a tudo isso, não raro nos sentimos um pouco desprotegidos. Quase não existe ninguém a quem nos voltarmos, em quem confiar, ou para consultar. É difícil encontrar alguém com quem possamos manter um diálogo honesto sobre nossas dificuldades, dúvidas ou tentações.

As emoções pastorais sobem e descem como iô-iô, entre a alegria e a tristeza; deleite e horror; coragem e medo. Em um dia, posso officiar um casamento e consolar uma família angustiada em um hospital; alegrar-me com a satisfação de uma jovem quando ela capta uma nova verdade bíblica e, então, censurar a desobediência de outro jovem; ungir um membro enfermo e batizar um novo crente; ouvir a queixa do aparentemente negligenciado irmão e ser elogiado como pastor cuidadoso e organizado.

Posso receber uma ligação de um pai perturbado ou ser interrompido por um transeunte mentalmente descontrolado. Posso fugir do flerte de uma mulher e, logo depois, abraçar outra que luta contra um câncer. Também posso ministrar a um adulto e alegrar-me com a confissão de fé de uma criança; ser convidado a fazer um discurso de formatura e um sermão fúnebre. E ainda tenho que me manter emocionalmente saudável e espiritualmente incansável.

O pastor do século 21 tem à sua disposição os “milagres” da tecnologia: telefone celular, correio eletrônico e outras facilidades. Em uma tarde, podemos fazer o que pastores do passado levavam um mês para realizar. Porém, tudo isso tem um preço. Acesso instantâneo significa receber chamadas que incluem pedidos ou demandas, sugestões ou imposições, acusações ou até ameaças – e tudo requerendo uma imediata resposta, quer estejamos em uma reunião, dirigindo o automóvel, no banheiro ou dormindo. O custo é freqüentemente lançado na conta da saúde emocional e espiritual.

LUTAS E COMPENSAÇÃO

Confesso que minha humanidade é freqüentemente testada. Afinal, sou

um pecador necessitando de torrentes de graça. O aprimoramento do meu caráter ainda está em processo, como acontece a qualquer outro cristão. Eu tive um passado, antes de Cristo entrar em minha vida. Ainda tenho questões que necessitam ser resolvidas; tenho altos e baixos. Nem sempre entendo claramente o que Deus está fazendo ou quer fazer comigo. Algumas vezes, reclamo duramente com Ele. Sou tentado, caio, peço, sinto dor, vergonha e culpa. Choro e lamento. Mas, agradeço a Deus porque estou vivo para sentir essas coisas. Sei que Ele me ama, apesar da minha reflexão imperfeita do Seu amor.

Tudo isso me leva a Paulo que, certa vez, aconselhou: “... em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus; pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas; por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama; como enganadores, e sendo verdadeiros; como desconhecidos e, entretanto, bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo.” (II Cor. 6:1-10).

Eu já me encontrava perto de casa, quando notei que meu telefone celular tinha muitas mensagens esperando respostas. A primeira era da minha esposa: “Você já está sabendo que houve um acidente no encontro social dos jovens nesta noite? Alguns deles foram levados ao hospital em uma ambulância. Estão esperando você na sala de emergência.” A segunda mensagem vinha do hospital: “Pastor, quando você acessar esta mensagem, por favor, venha depressa ao hospital; precisamos de você.”

Quando a luz verde do semáforo acendeu, o caminho à direita me levaria para casa; o da esquerda, para o hospital. Virei à esquerda. Já passava da meia-noite quando, afinal, fui para a cama. Mas não posso imaginar nenhuma outra vocação, nenhuma outra atividade no século 21, que possa ser tão compensadora como a de ser um pastor. ❁

TRÊS FACES DA MISSÃO



Érico Tadeu Xavier

Pastor na Associação
Catarinense

**A natureza
e o propósito
da missão
da Igreja
devem ser
entendidos
numa
dimensão
tríplice**

Logo no início da sua carta aos cristãos efésios, Paulo declara: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nEle, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele; e em amor nos predestinou para Ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, ... para louvor da glória de Sua graça, que Ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo Seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza de Sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência, desvendando-nos o mistério da Sua vontade, ... a fim de sermos para louvor da Sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo; em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nEle também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da Sua propriedade, em louvor da Sua glória.” (Efés. 1:3-14).

Através de Isaías, o Senhor diz: “Trazei Meus filhos de longe, e Minhas filhas das extremidades da Terra; a todo aquele que é chamado pelo Meu nome, e que criei para Minha glória, e que formei e fiz” (Isa. 43:7).

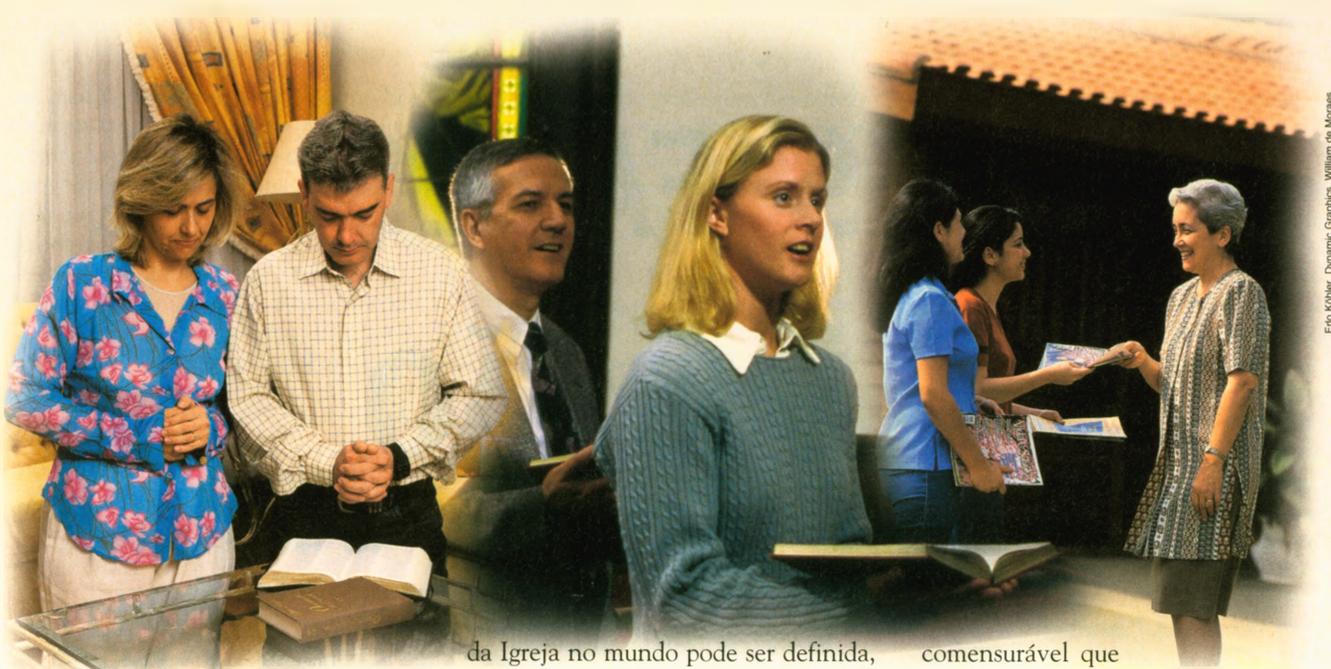
À mulher samaritana Jesus disse: “Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim O adorem. Deus é Espírito, e é necessário que O adorem em espírito e em verdade” (João 4:23 e 24).

MISSÃO VERTICAL

O que esses textos e muitos outros nos ensinam é que a Igreja tem uma missão que, do ponto de vista de Deus, é entendida por Seu empenho e expectativa em favor da nossa salvação. O Senhor da Igreja deseja que tudo o que Ele realizou por nós e ainda está realizando em nós produza a reação natural de nos envolvermos num relacionamento de comunhão, pela fé, com Ele. Isso é algo tão certo que investimos grande parte do nosso tempo ajudando as pessoas a desenvolverem essa comunhão com o Senhor. Por isso, necessitamos refletir em como essa dimensão missionária era experimentada na igreja do Novo Testamento.

“Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo.” (Atos 2:44-47).

Ao observarmos a igreja do Novo Testamento, especialmente nesse texto, podemos encontrá-la vivenciando a dimensão missionária da comunhão com Deus em três maneiras. A primeira é a adoração. Os crentes celebravam a presença do Cristo ressuscitado entre eles. Por isso, seu louvor era vivo e contagiante. A segunda ma-



neira é a oração. Porque Cristo estava presente e agindo entre eles, tinham consciência da bênção e do poder da oração. Aprenderam que não poderiam negligenciar esse aspecto espiritual e afetivo da fé, pois era através dele que prodígios e sinais aconteciam. O privilégio da oração tinha o significado de que a porta da sala do trono estava aberta para eles (Heb. 4:16). Finalmente, temos a Palavra. Se todo o conhecimento de Deus não se tornasse objetivo, respaldado nas Escrituras, ele se perderia nos subjetivismos e nas heresias.

Assim, fomos enviados a conduzir o rebanho de Deus a uma busca intensa do Senhor, para ser o louvor da Sua glória através da adoração, oração e ensino da Palavra. Essa é a missão da Igreja em sua dimensão para o alto.

MISSÃO HORIZONTAL

Também encontramos vários textos bíblicos que nos ajudam a compreender nosso papel como enviados de Cristo no mundo, o que configura um aspecto horizontal da missão:

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que Eu vos tenho ordenado; e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação do século.” (Mat. 28:19 e 20).

“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra.” (Atos 1:8).

Segundo esses versos e a experiência relatada no livro de Atos, a missão

da Igreja no mundo pode ser definida, primeiramente, como uma ação simultânea em toda a Terra. Essa foi uma realidade aprendida mediante a ação do Espírito Santo. Em Atos 2, a missão tem início no âmbito da convivência pessoal, ampliando-se, no capítulo 3, para toda Jerusalém. A sensação é de que a Igreja expandia sua visão de conquistar Jerusalém para Cristo. No capítulo 8, Samaria é alcançada através do trabalho de Felipe. A princípio, a igreja não se sentia responsável pela salvação de samaritanos, e até não entendia por que deveria buscá-los. Portanto, não foi sem resistência que aqueles crentes resolveram evangelizá-los.

Em Atos 10, o cenário estende-se aos confins da Terra. É interessante notar certa oposição à inclusão desse novo item na agenda missionária da igreja, em Atos 11. Somente pelo Espírito, podemos ampliar nossa visão missionária, partindo da nossa Jerusalém, avançando para Samaria e alcançando os confins da Terra. A grande tentação é de nos acomodarmos aos nossos limites, embora a missão seja local e universal.

A missão da igreja não se constitui apenas no fato de os cristãos serem a boca de Jesus, mas também Suas mãos. É refletir Seu coração diante dos homens. É servir por amor. “Era desígnio do Salvador que, depois de subir ao Céu, para ali interceder em favor dos homens, Seus seguidores prosseguissem com a obra por Ele iniciada.”¹

A misericórdia encarnada era parte do novo estilo de vida do povo de Deus. Amor não era figura retórica de uma fé incapaz de produzir transformação; era o reflexo de uma graça in-

comensurável que movia o povo do Senhor a expressar de maneira prática o evangelho, socorrendo aflitos, alimentando órfãos e viúvas. A Igreja entendia que era sua missão fazer diferença na vida de outras pessoas, mesmo que isso significasse desapego ao que é material e doação pessoal. Afinal, os primeiros cristãos viviam o que nós pregamos hoje: as pessoas valem mais do que as coisas.

A Igreja tem perdido sua relevância na comunidade, pois deixou de ser sal e luz. Ser sal e luz é fazer diferença na sociedade. Como pastores, fomos enviados a equipar os santos para que desenvolvam um ministério voltado para fora, para a sociedade, para o mundo. Não podemos permitir que assuntos de importância menor nos façam esquecer que o Senhor Jesus nos enviou ao mundo para servi-Lo em amor prático, traduzido em ações relevantes para a comunidade.

“Muitas igrejas encontram-se enfermas porque têm uma falsa imagem de si mesmas. Elas ainda não chegaram a entender, nem quem são (sua identidade), nem para o que foram chamadas (sua vocação). ... Hoje em dia, prevalecem pelo menos duas imagens com relação à Igreja. A primeira delas é a de clube religioso. ... Eles se consideram pessoas religiosas que adoram fazer coisas juntas. Pagam suas mensalidades e, com isso, sentem-se no direito de gozar certos privilégios. O importante para eles é *status*, além das vantagens de serem membros do clube. Eles evidentemente esqueceram... a significativa declaração atribuída a William Temple, de que a Igreja é a única sociedade do mundo que existe

para o benefício de seus não membros. ... Nossa responsabilidade primordial, no entanto, é nossa adoração a Deus e nossa missão no mundo.”²

É oportuno refletirmos sobre estas questões: Como temos revelado o amor cristão pelas pessoas? Que ações práticas temos desenvolvido, que sejam relevantes na sociedade em que estamos inseridos?

EM RELAÇÃO À IGREJA LOCAL

Outro aspecto da missão tem que ver com a própria igreja local. Deus espera que cada igreja entenda que tem uma missão a ser executada dentro dos seus próprios limites. Tal verdade também está evidente em vários textos das Escrituras. Jesus, por exemplo, deixou isso claro em Sua oração sacerdotal: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em Mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós; para que o mundo creia que Tu Me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que Me tens dado, para que sejam um, com Nós o somos; Eu neles e Tu em Mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que Tu Me enviaste e os amaste, como também amaste a Mim.” (João 17:20-23).

Paulo revelou entender a mesma realidade, ao mencionar os dons espirituais como sendo destinados à capacitação missionária dos membros da igreja, “para a edificação do corpo de Cristo” (Efés. 4:11-16). Devemos ajudar os crentes em seu crescimento espiritual, a fim de que possam executar efetivamente sua missão no mundo. Se não nos empenharmos na edificação espiritual da igreja, corremos o risco de vê-la vivendo um cristianismo nominal, irrelevante.

O conceito de sacerdócio universal nos expõe a realidade de que a igreja é um corpo de ministros. Então, precisamos trabalhar na implantação de processos que ajudem a capacitar esses ministros, a fim de que cumpram os propósitos para os quais foram chamados pelo Senhor.

Outra meta a ser alcançada é o crescimento na comunhão espiritual do povo de Deus, ou seja, a construção do que a Bíblia chama de “unidade do Espírito” (Efés. 4:1-3). Se somos o corpo simbólico de Cristo aqui na Terra, precisamos vivenciar a dinâmica da uni-

dade dos membros que o compõem. Isso significa que devemos sentir e agir como um só corpo.

Se não trabalharmos para construir essa unidade espiritual, dia a dia, a ação missionária da congregação será comprometida. Há um inimigo interessado em fragmentar a unidade cristã, e que, desde os dias apostólicos tem feito investidas para destruí-la. Inicialmente, houve problemas entre gregos e judeus, as questões envolvendo os gentios e, mais à frente, a ação permanente dos judaizantes. A construção da unidade eclesial, no Espírito, é um propósito permanente que permitirá à igreja fazer a diferença em sua comunidade.

“A igreja primitiva confiava num testemunho duplo, como um meio de alcançar um mundo cínico e descrente e imprimir sobre ele o *kerygma* (proclamação) e a *koinonia* (comunhão). Foi a combinação desses dois elementos que tornou seu testemunho tão poderoso e eficiente. Os pagãos poderiam desprezar facilmente a proclamação como simplesmente mais uma ‘doutrina’ entre muitas; mas eles viram que é muito mais difícil rejeitar a evidência da *koinonia*. Foi isto que causou a observação muito citada de um escritor pagão: ‘Como se amam mutuamente esses cristãos!’”³

Como líderes do rebanho, nosso papel é ajudar o povo de Deus a construir uma relação de interdependência, na qual todos ministram e todos são ministrados por Deus, através dos irmãos; ao mesmo tempo em que estabelecemos uma relação de inclusão: a Igreja precisa ser de todos. Certamente, estratégias voltadas para grupos homogêneos nos ajudam a transpor barreiras que poderiam impedir alguém de receber Jesus como Salvador pessoal; mas a Igreja sempre será maior do que uma estratégia. Na verdade, ela pode implementar simultaneamente várias estratégias focalizadas em grupos específicos, mas precisa trabalhar pela unidade que promoverá a inclusão de todos os crentes.

Entendemos o poder das estratégias para alcançar grupos específicos, tais como cegos, surdos, profissionais liberais, adolescentes, jovens, etc. Por isso, incentivamos o surgimento de vários ministérios voltados para eles; mas nunca nos vimos como a Igreja destes ou daqueles. Ao lutar por essa comunhão, desejamos que a Igreja seja de todos, uma Igreja que prega todo o evangelho a todas as pessoas.

Sem essa maturidade, nunca entenderemos o que é a unidade do Espírito no vínculo da fé. Então, a comunhão será simplesmente a confraria dos semelhantes, o mesmo que um clube social é capaz de oferecer. Na unidade do Espírito, entretanto, nossa comunhão passa a ser o testemunho do poder de Deus, que derruba muros e constrói pontes em uma comunidade fraterna.

A unidade do Espírito é refletida no sacerdócio de todos os crentes, que devem ser capacitados e mobilizados com base nos dons espirituais recebidos, para o desenvolvimento do seu ministério (Efés. 4:11 e 12). Como líderes, devemos ajudar os crentes na descoberta dos seus dons e engajá-los no serviço missionário. As palavras de Moltmann são valiosas para a compreensão das razões que tornam tão importante essa tarefa:

“Todos os membros da comunidade messiânica receberam o Espírito e, conseqüentemente, são ‘ministros’. Não existe separação alguma entre os que detêm os ministérios e o povo. Não existe também a menor separação entre o Espírito ‘ministerial’ e o Espírito ‘livre’. Tampouco existe uma diferença essencial entre os diferentes carismáticos e suas funções. A viúva, que faz o trabalho de misericórdia, atua tão carismáticamente como o bispo. Porém, existem diferenças funcionais, pois unidade não quer dizer de modo algum uniformidade. As energias do Espírito da nova criação são tão pluriformes como a criação mesma. De outro modo, não seria possível sua vivificação carismática. Por isso, na comunidade reina a liberdade, a diversidade e a fraternidade. É justamente a igualdade de direitos de todos os membros diante de Deus que cria a variada riqueza de seu beneplácito.”⁴

Se todos são ministros, então nosso papel é, de modo intencional, programado e permanente, mobilizá-los através da capacitação e conscientização para o desempenho da missão, em sua dimensão tríplice: Em relação a Deus, ao mundo e à própria comunidade eclesial. ◻

Referências:

- 1 Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 338.
- 2 John Stott, *Ouçá o Espírito, Ouçá o Mundo*, págs. 268-269.
- 3 Ray C. Stedman, *A Igreja, o Corpo Vivo de Cristo*, pág. 107.
- 4 J. Moltmann, *La Iglesia, Fuerza del Espíritu*, págs. 350 e 351.

EVANGELISMO SEM LIMITES



Bert Beach

Ph.D., diretor de
Liberdade Religiosa na
Associação Geral
da IASD

“Cristo não reconheceu distinção de nacionalidade, classe social ou credo. ... Ele veio derrubar todo muro de separação”

Ser um cristão autêntico implica habilidade para amar. Porém, acrescida a essa habilidade está a posse de uma sólida consciência evangelística pelo autêntico adventista. Embora o realce do amor seja, hoje, muito popular nas igrejas cristãs, há também uma crescente tendência de passar por alto a grande comissão expressa nas palavras do Mestre: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mar. 16:15).

As últimas palavras de Jesus, antes da ascensão, foram um chamado a Seus seguidores para testemunhar “até aos confins da Terra” (Atos 1:8). Podemos incluir nesses “confins” grupos religiosos tais como islamismo, budismo, hinduísmo e, em menor extensão, o judaísmo. Nesse ponto reside o potencial para atrito, ou, por que não dizermos, confrontação.

O CAMPO É O MUNDO

Os primeiros adventistas desenvolveram uma visão missionária peculiar. Durante alguns poucos anos, eles progrediram do sufocante conceito da “porta fechada” para uma visão mais ampla do campo de trabalho, que então só incluía os Estados Unidos. Daí, avançaram para a compreensão de que a Igreja devia ir “até aos confins da Terra”. Na verdade, a Igreja cristã é chamada a ser um movimento mundial, o que foi confirmado no Concílio de Jerusalém (Atos 15), onde ficou claro que a igreja não deveria ser uma facção judaica, mas uma igreja mundial, com um evangelho universal; não uma seita local ou étnica.

João Wesley estava certo ao dizer: “O mundo é minha paróquia”. Esse conceito, entretanto, não era apreciado pela instituição eclesiástica de seus dias. Ainda hoje, existem várias forças religiosas que promovem, algumas com apoio legal, a idéia de um território missionário limitado. Há tradições nacionalistas e culturais que inibem o evangelismo mundial. Mas a resposta da Igreja Adventista do Sétimo Dia a essa idéia de limitação evangelística sempre foi, e será, manter o princípio de que “o campo é o mundo ... a ceifa é a consumação do século” (Mat. 13:38 e 39), e é urgente ir a todo lugar.

Embora os escritos de Ellen G. White sejam claros no que tange à necessidade de cumprirmos a tarefa de evangelizar o mundo, apresentam bem pouco esclarecimento sobre como alcançar as religiões não-cristãs. Ela praticamente não se refere ao islamismo, hinduísmo, budismo, confucionismo, shintoísmo, sikhismo ou taoísmo. Porém, faz uma afirmação sobre os muçulmanos e sua negação da divindade de Cristo, apelando para que os cristãos sejam zelosos no ensino da “preexistência do único Salvador do mundo”.¹ E apresenta um princípio fundamental: “Cristo não reconheceu distinção de nacionalidade, classe social ou credo. ... Cristo veio derrubar todo muro de separação: Ele veio mostrar que o dom de Sua graça e amor é tão irrestrito como o ar, a luz, ou as torrentes de chuva que refrescam a Terra.”²

TRATANDO COM O JUDAÍSMO

A única religião não-cristã à qual Ellen G. White dedica maior atenção é o judaísmo. Ela diz que muitos judeus devem ser conquistados para Cristo. Escreveu que os adventistas

“não deveriam desprezar os judeus”³ e que “não deveria haver construção de barreiras. ... Nosso trabalho deve ser feito tão livremente entre os judeus como entre os gentios”.⁴ A Sra. White também apresenta dois princípios que devem ser observados no trato com os judeus, e que poderiam muito bem ter alguma aplicação geral a outras religiões mundiais.

1. A abordagem não deveria procurar destruir a “economia judaica”, mas desenvolvê-la com a verdade. Ou seja, devemos trabalhar em um plano de progresso, em vez de descontinuação.⁵ Na realidade, isso é mais claro no caso do judaísmo do que com outras religiões.

2. Judeus devem ser empregados como uma força efetiva no trabalho em favor de seus compatriotas.⁶ O princípio contempla a utilização daqueles mais familiarizados com as crenças em discussão.

No trabalho com judeus, Ellen White ainda realça a importância de ligarmos o Antigo com o Novo Testamento.⁷ Os adventistas do sétimo dia deveriam estar em melhor condição de fazer isso do que a maioria das outras denominações cristãs. O sábado, alimentos imundos, o Dia da Expição, a purificação do santuário celestial e o ministério sacerdotal de Cristo são elos na cadeia que une Antigo e Novo Testamentos.

No esforço de alcançar outras religiões do mundo, há, sem dúvida, alguns princípios gerais que podem ser aplicados, e há algumas atitudes e abordagens específicas aplicáveis a cada religião em particular. Consideremos algumas:

ISLAMISMO

Por exemplo, no trato com muçulmanos, é vital enfatizar a unicidade e unidade de Deus, tão claramente afirmadas por Moisés e Isaías. Devemos lembrar que muita coisa a respeito da natureza de Deus não nos foi revelada. Os muçulmanos respondem afirmativamente à unicidade, imutabilidade e graça de Deus.

Além disso, a dieta adventista é um acréscimo, especialmente considerando que os muçulmanos têm forte aversão ao consumo de carne suína. Outro ponto favorável é a posição adventista contra a ingestão de bebidas alcoólicas.

BUDISMO

O budismo coloca muita ênfase na experiência da iluminação interior. Não poderíamos fazer uma ponte que relacione esse conceito com o que os

cristãos chamam de conversão? Na realidade, há importantes diferenças, mas também existem pontos comuns.

No budismo Mahayana também parece haver uma atitude mais aberta e algum conceito de salvação pela fé e graça, sobre os quais um relacionamento pode ser construído e desenvolvido.

TAOÍSMO E CONFUCIONISMO

O taoísmo enfatiza uma vida ordenada, simples, natural e que evita a busca do eu. Em essência, é um sistema de afirmação da ética. Aqui existe uma abertura útil para os adventistas, que enfatizam a obediência à lei de Deus, respeito à criação divina, estilo de vida simples e natural, negação do eu que deve ser escondido em Cristo.

Em adição ao taoísmo, o confucionismo é um significativo sistema de ética influenciando centenas de milhões de chineses, embora pareça estar em

**Necessitamos
contrariar os que
vêm o adventismo
como uma seita**

colapso sob o peso da crescente cultura ocidental. Nessas religiões, a ênfase reside no dever e relacionamentos adequados entre as pessoas. A regra áurea – “façam aos outros a mesma coisa que querem que os outros façam a vocês” – é altamente considerada, o que representa um item comum ao discurso cristão. Respeito mútuo e responsabilidade certamente são valores cristãos.

AUSÊNCIA DE CONTATOS

Possivelmente, um dos pontos fracos no relacionamento com outras crenças é a ausência de contato entre os líderes adventistas e os líderes e eruditos dessas religiões. Na verdade, esse contato tem sido o mínimo. Mas a tendência de nos fecharmos em nosso casulo religioso e negligenciarmos o contato com líderes representativos de outros organismos religiosos é vista como sinal de sectarismo.

Necessitamos contrariar ativamente essa percepção do adventismo, saindo de nosso isolamento. Tal atitude não significa que adotaremos os pontos de vista contrários ao verdadeiro cristianismo ou ao adventismo.

PRINCÍPIOS DE RELACIONAMENTO

Alguns princípios gerais do relacionamento entre diferentes religiões não podem ser desconsiderados pelos adventistas do sétimo dia. Esses princípios nos ajudam a compreender outras religiões e tornam mais eficaz nosso trabalho de evangelização dos seus adeptos. Enumeramos os seguintes:

Padrões éticos elevados. Necessitamos ser confiáveis, transparentes e honestos. Jamais deveríamos fazer declarações errôneas a respeito dos ensinamentos ou práticas oficiais de outros organismos religiosos. Devemos estar seguros de que realmente conhecemos aqueles dos quais nos aproximamos, e necessitamos seguir a sugestão de Pedro, no sentido de fazer isso com humildade, respeito e honestidade (I Ped. 3:15 e 16).

Conhecimento da cultura. Religião, cultura e história estão sempre intimamente relacionadas. É difícil que membros de outras religiões e de outra cultura nos levem a sério, se formos ignorantes e desinformados a respeito do que, por séculos, tem feito de sua civilização aquilo que ela é.

Defesa da moralidade. A imoralidade está generalizada no mundo, e não menos nas sociedades ocidentais. Fundamentalistas e extremistas das grandes religiões mundiais vêm o Ocidente, liderado pelos Estados Unidos, como promotor de imoralidade gritante e satânica. Como adventistas, devemos ser defensores das mais elevadas expressões de moralidade e ética pessoal.

A moralidade inclui obediência e honestidade, bem como respeito pela dignidade e vida humanas. Os adventistas deveriam levar aqueles aos quais tentam alcançar a ver que eles “são conscienciosos”.⁸ Ao trabalharmos para levar outros a Jesus Cristo e à fé da Bíblia, qualquer apelo e subsequente conversão jamais deveriam ser influenciados pelo aliciamento de incentivo material, presentes, mimos, ou qualquer “canto de sereia”. Tal atitude torna a “conversão” um simulacro.

Defesa da família. Em muitos países do terceiro mundo, a família desempenha papel dominante. Os adventistas necessitam ser vistos como um grupo favorável à indissolubilidade familiar.

Contextualização e adaptabilidade. Em I Coríntios 9:19-22, Paulo expõe o valor desse princípio, quando buscava ganhar para Cristo todas as clas-



ses de pessoas, sem violar princípios cristãos: Para o escravo, ele se tornava escravo; para o judeu, ele era um judeu; ao gentio, ele se tornava como gentio. Sempre consciente de seu dever para com Deus, o apóstolo resume sua estratégia: “Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (v. 22).

Isso não quer dizer que devemos enganar, mas é fundamental ao que chamamos de contextualização do evangelho. Este deve permanecer puro, mas o modo como é apresentado em um dado contexto pode, e deve, mudar.

Credibilidade. Na abordagem a não-cristãos, ou mesmo a cristãos de outra denominação, o conselho é tratar primeiramente “de pontos de doutrina sobre as quais estais em harmonia”.⁹ É contraproducente apresentar, logo de início, “os aspectos mais objetáveis de nossa fé”.¹⁰ Isso também não significa esconder a verdade, mas facilitar o caminho para alcançar outros cristãos ou não-cristãos.

Uma tática pedagógica inteligente prevê abordagem progressiva. Primeiro, precisamos estabelecer credibilidade e sinceridade, de acordo com o seguinte conselho: “Insisti sobre a necessidade da piedade prática. Tornai-lhes evidentes que sois cristãos, desejando paz, e que os amais.”¹¹ Pode levar algum tempo, mas, no fim, conquistaremos a confiança.

Abordagem flexível. Em lugar de usarmos apenas uma abordagem fixa, precisamos estar preparados para variar e alterar o modo de aproximação de

outros crentes. Devemos alinhar nossa abordagem de acordo com as pessoas entre as quais trabalhamos e as circunstâncias que enfrentamos.¹²

O PERIGO DO SINCRETISMO

Apesar de tudo isso, um perigo a ser evitado é o do sincretismo, isto é, a tentativa de unir ou conciliar diversas doutrinas opostas. Muitas pessoas crêm que todas as religiões levam à verdade e à salvação. Aham que as pessoas podem adotar boas idéias do cristianismo e harmonizá-las com “bons” ensinamentos e crenças de outras religiões. Esse é o padrão do pensamento pós-moderno. Em contraste, o apóstolo Pedro ensina que “não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4:12). Na verdade, a mensagem global adventista do sétimo dia deve ser, em última análise, que não existe salvação em nenhum outro a não ser em Jesus Cristo.

Na cultura prevalecente em nossos dias, a abordagem sincretista nos relacionamentos religiosos é definitivamente mais perigosa do que uma colisão direta com o ateísmo. Isso se deve ao fato de que o sincretismo parece oferecer uma dimensão global atrativa da fé e das relações humanas.

LUZ PARA TODAS AS PESSOAS

No processo de abordagem a não-adventistas do sétimo dia precisamos ter em mente três pontos:

1. Nem todo adventista do sétimo dia será salvo.
2. Nem todo cristão pertencente a uma igreja será salvo.
3. O princípio de Paulo é importante e fundamental: “Porque os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, ... Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mes-

mos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência, e os seus pensamentos mutuamente acusando-se ou defendendo-se.” (Rom. 2:13-15).

O que Paulo está dizendo aos romanos é que os gentios podem não ter conhecimento de Cristo ou dos princípios bíblicos como tais, mas através da consciência e da experiência, eles demonstram, em seus pensamentos e ações, a operação da lei de Deus cuja presença é endossada pelas lutas da consciência. Deus julgará os segredos do coração humano e a salvação virá somente através de Cristo que morreu por todo ser humano.

No evangelho de João encontramos que Cristo é a verdadeira luz que veio ao mundo e ilumina a existência de toda pessoa pela salvação e pelo julgamento, embora homens e mulheres não possam compreendê-Lo plenamente (João 1:5 e 9). Há coisas verdadeiras em toda religião, pois a verdadeira luz de Cristo opera em todo lugar. Porém, a salvação ocorre somente através de Jesus. E os valores salvíficos da religião só existem na medida em que levam seus seguidores à verdade que é o próprio Jesus Cristo.

Temos uma grande tarefa a cumprir. Ellen White fala sobre classes de pessoas que necessitam ser objetos de um trabalho especial no tempo do fim. Talvez, algumas dessas classes especiais sejam os milhões que pertencem às confissões não-cristãs. Atualmente, esse desafio possui um contexto adicional que não existia nos dias de Ellen White: a globalização.

Nesse contexto, podemos e devemos ir de todo lugar para toda pessoa. Somos enviados a cumprir nossa missão global amparados por duas promessas divinas: O evangelho será pregado a todo o mundo e, então, virá o fim quando todo o mundo será iluminado pela glória de Deus. ☛

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *The Home Missionary*, setembro de 1892.
- ² _____, *Testimonies For the Church*, vol. 9, pág. 190.
- ³ *Manuscrito 87*, 1907.
- ⁴ *3 de fevereiro de 1908*.
- ⁵ *Carta 87*, 1907.
- ⁶ Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 554.
- ⁷ _____, *Atos dos Apóstolos*, pág. 381.
- ⁸ _____, *Obreiros Evangélicos*, pág. 120.
- ⁹ *Ibidem*, pág. 120.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 141.
- ¹¹ _____, *Obreiros Evangélicos*, pág. 120.
- ¹² *Ibidem*, págs. 118 e 119.

O PASTORADO QUE RESTAURA



Ednaldo Juarez Silva

Pastor na Associação
Bahia Sul

Membros felizes e motivados são aqueles que executam ministérios com base nos dons espirituais

Nos dias modernos, quem exerce o pastorado necessita de um paradigma seguro; e, em Jesus, pode encontrar a resposta para essa necessidade. Um olhar atento para o ministério de Cristo revela princípios de grande valor a serem aplicados no ministério pastoral do século 21. Seus pés trilham caminhos pelos quais todos os pastores necessitam passar, e Seus passos marcaram os contornos desses caminhos. O exemplo dEle revela o perfil do verdadeiro pastor. Dessa observação vem a revelação de que “Ele mesmo fez a uns certamente ... pastores”¹ ou “escolheu alguns para serem ... pastores”.²

O exemplo de Cristo revela que o ministério pastoral tem uma tríplice ênfase: ensinar, pregar e curar. “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades.” (Mat. 9:35). Embora muito possa ser dito sobre cada um desses aspectos do ministério de Jesus, eles podem ser resumidos em uma palavra: restauração. Foi para isto que Cristo veio: restaurar a humanidade caída à sua antiga condição diante de Deus.

Todo ministério pastoral efetivo precisa ter o foco na restauração integral do ser humano. Diariamente, o pastor lida com pessoas abatidas, física, emocional e espiritualmente, e precisa restaurá-las à sua melhor condição diante de Deus e dos desafios da vida moderna. Cada membro precisa desempenhar-se bem, frente às exigências da modernidade, principalmente no contexto da vida cristã. Tal desempenho é resultado de um pastorado de restauração eficaz em funcionamento na igreja.

COMPETÊNCIAS NA IGREJA

A administração empresarial foi revolucionada com o advento do conceito de gestão por competências. Nela procura-se explorar ao máximo o potencial dos colaboradores, através de programas de desenvolvimento de competências que identificam talentos e habilidades. Feita essa identificação, talentos e habilidades são estrategicamente distribuídos para que atendam às necessidades da organização e mantenham um alto índice de motivação e satisfação no trabalho e nos resultados.³ Podemos dizer que esse modelo faz lembrar o ideal bíblico de sacerdócio de todos os crentes e ministérios orientados segundo os dons. Uma boa definição afirma que “o ministério orientado pelos dons é a arte de colocar as pessoas certas nos lugares certos, pelos motivos certos, para conseguir os melhores resultados”.⁴

A Igreja cristã continuará trabalhando com a maioria de seus colaboradores em regime de ministério voluntário. Boas evidências indicam que a execução da maioria das funções eclesiais é e sempre será desempenhada por esse ministério. Tal realidade nos leva à compreensão de que os membros precisam ser motivados, capacitados e orientados para que continuem comprometidos com a missão da Igreja. Também é importante que os ministros voluntários atuem felizes, sentindo-se úteis e satisfeitos nas áreas em que foram colocados mediante a aplicação dos dons concedidos pelo Espírito Santo.

O SONHO DO PASTOR

Equipes de trabalho entusiastas e produtivas, lideranças multiplicadoras e comprometidas, membros engajados em ministérios efetivos em um ambiente de unidade e identificação com Cristo, eis o sonho do líder cristão. Como disse David Kornfield, “todo pastor sonha ver a igreja inteira mobilizada”,⁵ cumprindo sua missão tanto na dimensão externa como interna.

A maior preocupação do pastor deve ser restaurar e capacitar a congregação

O grande desafio, nesse contexto, é conseguir agregar, motivar, capacitar e conduzir os membros na experiência do serviço na causa de Deus, num tempo em que fortes correntes de secularismo e relativismo agredem as estruturas da igreja institucional e local. “A grande tragédia é que um imenso número de cristãos não estão envolvidos de jeito nenhum, ou não estão adequadamente envolvidos em qualquer tipo de ministério por Cristo ou Sua igreja.”⁶

A solução do problema estará cada vez mais perto na medida em que houver uma aproximação do ideal de restaurar as pessoas que compõem a igreja de Deus, colocando-as nos lugares para os quais o Espírito Santo as capacitou. Os recursos humanos da igreja são as pessoas com suas competências. E quando seu posicionamento em postos de serviço contempla a dotação que cada uma recebeu do Espírito Santo, o resultado é qualificado na motivação e satisfação daquele que serve, e quantificado no produto do serviço prestado à igreja. Então, inicia-se o processo de aproximação daquele quadro tão sonhado e ainda tão pouco experimentado: vidas restauradas serão vidas produtivas.

FUNÇÃO PASTORAL

É-nos dito que “a tarefa primária do pastor, segundo as Escrituras, é treinar ou equipar os membros para o desempenho do seu ministério. Muito do tempo do pastor deveria ser passado em ajudar os membros a descobrirem

seu lugar no ministério em harmonia com seus dons espirituais”.⁷

Analistas do crescimento de igreja estão certos de que “a igreja era bem clara em dizer que o trabalho do pastor era equipar os membros para o ministério”.⁸ Essa visão é compartilhada por John Fowler, em seu livro *Ministério Pastoral Adventista*: “O papel do pastor no ministério de ensino da igreja é vitalmente importante ... seu alvo deve ser edificar cristãos fortes e maduros que são treinados para o serviço.”⁹

Um programa de ministério orientado segundo os dons estabelece um ponto de equilíbrio entre as necessidades institucionais e das pessoas envolvidas. Se, por um lado, o crente deve ser priorizado em sua necessidade de desenvolver seus dons em ministérios adequados, por outro, ele deve ser mobilizado para o serviço. Igreja e membros, instituição e pessoas, todos crescem da forma como o Espírito Santo orientou.¹⁰ Conforme a descrição de Paulo, os dons são outorgados “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efés. 4:12).

Não é papel do pastor executar todos os ministérios necessários ao crescimento da igreja, mas mobilizar os crentes na descoberta da respectiva função ministerial dentro do corpo de Cristo. “O pastor é pago para treinar os membros. Se ele não está fazendo isso, então, bíblicamente, não está fazendo o seu trabalho.”¹¹

A igreja dispõe de conselhos inspirados nesse sentido: “Algumas vezes, os pastores trabalham em excesso, procuram tomar todo o trabalho em suas mãos. Isto os esgota e prejudica, mas continuam a se envolver com tudo. Pensam que só eles devem trabalhar na causa de Deus, ao passo que os membros da igreja ficam ociosos. Essa não é, de maneira alguma, a ordem de Deus.”¹²

A DESCOBERTA DOS DONS

Os membros de uma igreja com ministérios orientados pelos dons sabem que não existe cristianismo sem discipulado. Para isso, o pastor necessita estar consciente de que seu trabalho principal “é manter as ovelhas em boa forma, para que elas possam produzir ovelhas. Se o pastor cuida realmente do rebanho, ele treinará os membros para realizarem o ministério que lhes compete”.¹³

Ajudar os membros na descoberta de seus dons espirituais é muito im-

portante, uma vez que os dons espirituais definirão o direcionamento que as equipes de obreiros voluntários deverão tomar. Portanto, a maior preocupação do pastor deverá ser ocupar-se com a restauração e capacitação dos membros.

Uma forma clara e precisa de se definir a natureza da Igreja e de sua obra no mundo tem como fundamento a responsabilidade individual de cada membro. Cada cristão é convidado a descobrir seu lugar na dinâmica da vida eclesíastica, bem como no lugar em que ele vive, porque aí é seu espaço para desenvolvimento do seu ministério.¹⁴ Nesse cenário, o pastor surge com um papel múltiplo: 1) Restaurar o rebanho à sua melhor condição, a fim de utilizar o máximo do potencial disponível; 2) ajudar os membros na identificação de seus dons; 3) treiná-los, “com vistas ao aperfeiçoamento” de suas competências para o serviço; 4) organizá-los em equipes de ministérios eficazes, e 5) facilitar a abertura de espaços para o desenvolvimento de novos ministérios dentro e fora da igreja.

Quando a restauração e a capacitação de cada membro se tornarem o foco do ministério do século 21, todos visualizaremos uma igreja dinâmica, comprometida e espiritualizada. Podemos apressar esse dia. ☉

Referências:

- 1 Tradução Portuguesa da Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo. 1ª ed., (São Paulo, SP: Editora Rideel, 1997).
- 2 Tradução na Linguagem de Hoje (São Paulo, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988).
- 3 Wélida Dancini Silva, *O Impacto da Gestão por Competências na Motivação e nos Relacionamentos Interpessoais. Monografia de conclusão de pós-graduação em Psicologia nas Organizações* (Itabuna, BA: PUC-RS, 2004), págs. 19-41.
- 4 Marcos De Benedicto, *Ministério, novembro-dezembro de 2005*, (entrevista) pág. 5.
- 5 David Kornfield, *Desenvolvendo Dons Espirituais e Equipes de Ministérios* (São Paulo, SP: Ed. Sepal, 1998), pág. 7.
- 6 Aubrey Malphurs, *Planting Growing Churches for The 21st Century* (Grand Rapids, MI: Baker Book House Company, 1998), pág. 152.
- 7 Russel Burrill, *Revolução na Igreja (Almargem do Bispo, Portugal: Publicadora Atlântico S.A., 1999)*, pág. 111.
- 8 Rick Warren *Uma Igreja com Propósitos* (São Paulo, SP: Editora Vida, 1998), pág. 472.
- 9 John Fowler, *Ministério Pastoral Adventista* (São Paulo, SP: Editora Tempos), págs. 143 e 144.
- 10 Russel Burrill, *Op. Cit.*, pág. 107.
- 11 *Ibidem*, pág. 50.
- 12 Ellen White, *Evangelismo*, pág. 113.
- 13 Russel Burrill, *Op. Cit.*, pág. 37.
- 14 Rex Edwards, *Every Believer a Minister* (Boise, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1979), pág. 21.

AMIZADE, INFORMAÇÃO E LOUVOR

Da ASN, Adventist News Network e Adventist Review

Adventistas de mais de 200 países participam da assembléia mundial da Igreja

Sob a motivação do lema “Transformados em Cristo”, foi realizada a 58ª Assembléia Mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, entre os dias 30 de junho e 9 de julho, em St. Louis, Estados Unidos. Dois mil delegados, representando mais de 200 países, avaliaram a marcha missionária da Igreja nos últimos cinco anos, nomearam líderes, discutiram procedimentos doutrinários e administrativos, definiram rumos para o próximo quinquênio e confraternizaram-se com irmãos de fé do mundo inteiro.

“É importante que tenhamos tempo para adorar juntos e celebrar a incrível diversidade da Igreja”, afirmou o Pastor Jan Paulsen, em uma entrevista coletiva, acrescentando ser o evento “uma mescla

evento, a mensagem devocional foi apresentada pela Dra. Jo Ann Davidson, professora de Teologia Sistemática da Universidade de Andrews. Ela enfatizou a cruz como centro da fé adventista. “Não poderia haver melhor tempo que este para uma convocação mundial da Igreja Adventista, para que se possa contemplar o ‘Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo’”, disse Davidson.

Ainda nessa tarde, foram homenageados postumamente obreiros mortos no campo de trabalho, durante o quinquênio findo. Entre esses, estão o Pastor Ruimar Paiva, sua esposa, Margareth, e o filho Larisson, missionários brasileiros assassinados no fim de dezembro de 2003, na ilha Palau, no Pacífico. Em maio desse mesmo ano, o Pastor Lance Gersbach foi morto em um ataque em Malaita, nas Ilhas Salomão. O diretor da Adra da Noruega, Kaare Lund, e dois colegas, Emmanuel Sharpulo, diretor da Adra para a Libéria, e o motorista foram mortos em um ataque perto de Toe Town, na Libéria em fevereiro de 2003.

PRESENÇA MISSIONÁRIA

Mesmo reconhecendo que o serviço missionário pode ser muitas vezes perigoso, a Igreja se mantém resoluta em cumprir a missão. Obreiros fiéis e dedicados



Pastores Matthew Bediako, Jan Paulsen e Robert Lemon, com respectivas esposas

de amizade, informação e adoração.”

Os trabalhos foram iniciados na tarde do dia 30, sob a coordenação dos Pastores Lowell Cooper e Matthew Bediako, respectivamente vice-presidente e secretário da Associação Geral. Após o discurso de abertura e verificação de requisitos legais para a realização do

continuar dispostos a atender o mandato de Cristo de ir “por todo o mundo”.

A assembléia de 2005 não teve um tema gerador de discussões, como já ocorreu no passado, envolvendo ordenação da mulher ou questões relacionadas ao casamento. Em lugar disso, a excelência da liderança, nova declaração de crença e a ênfase na missão foram os destaques. Com respeito à missão, lembrou o Pastor Paulsen: “Quando a Igreja isola-se do ambiente em que está inserida; quando uma congregação local esquece a conjuntura onde está estabelecida, algo está errado. Muito freqüentemente estamos ocupados com nós mesmos, nossos próprios interesses, fortalecendo os laços entre nós mesmos, a ponto de nos esquecermos de que vivemos em um contexto. Somos parte de um ambiente. Somos uma comunidade específica com um propósito. Estamos aí para fazer a diferença.”

Paulsen também se dirigiu especificamente aos jovens entre 15 e 30 anos: “Desejo que vocês participem conosco. Conto com vocês, suas idéias e energia. Caso não achem interessante a igreja, vocês podem torná-la interessante; não marchem separados dela, pois isso é a pior coisa que vocês poderiam fazer.”

A EQUIPE TITULAR DA ASSOCIAÇÃO GERAL

Esta é a relação dos escolhidos para liderar a Igreja Adventista mundial:

PRESIDENTE

Jan Paulsen

SECRETÁRIO

Matthew Bediako

TESOUREIRO

Robert Lemon

VICE-PRESIDENTES

Lowell C. Cooper
King-Yi Eugene Hsu
Gerry D. Karst
Armando Miranda
Michael L. Ryan
Ted N. C. Wilson
Pardon Kandanga Mwansa
Mark Finley
Ella Simmons – primeira
mulher vice-presidente, da
Associação Geral



Melita Pólic

SECRETÁRIOS DE CAMPO

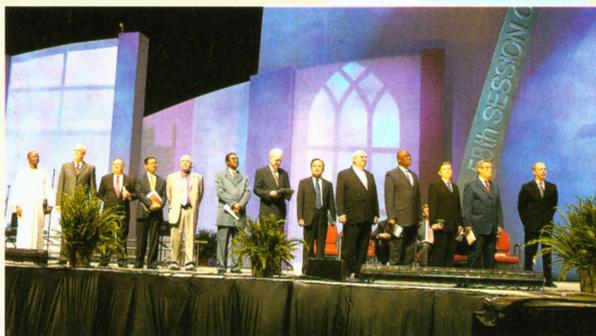
Garry D. Krause
Angel Manoel Rodriguez

SECRETÁRIOS TITULARES DE DEPARTAMENTOS

Martin W. Feldbush – Ministério de Capelania
Ray Dabrowski – Ministério de Comunicação
Linda Mei Lin Koh – Ministério da Criança e do Adolescente
C. Garland Dulan – Ministério de Educação
Ronald Flowers – Ministério de Lar e Família
Allan R. Handysides – Ministério de Saúde
Joel Zukovski – Associação Internacional de Saúde e Alimentação
James A. Cress – Associação Ministerial
John Graz – Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa
Howard F. Faigao – Ministério de Publicações
Jonathan Kuntaraf – Ministério Pessoal e Escola Sabatina
Erika Puni – Ministério da Fidelidade
Jeffrey K. Wilson – Serviço de Testamento e Legados
Heather-Dawn Small – Ministério da Mulher
Baraka Muganda – Ministério Jovem

PRESIDENTES DAS DIVISÕES

Geoffrey G. Mbwana – Divisão Centro-Africana do Leste
Ulrich W. Frikart – Divisão Euro-Africana
Artur A. Stele – Divisão Euro-Asiática
Israel Leito – Divisão Interamericana
Don C. Schneider – Divisão Norte-Americana
Jairyong Lee – Divisão do Pacífico Norte-Asiático
Ruy H. Nagel – Divisão Sul-Americana
Laurie J. Evans – Divisão Sul do Pacífico
Paul S. Ratsara – Divisão África Meridional-Oceano Índico
D. Ronald Watts – Divisão Sudeste-Asiático
Alberto C. Gulfan Jr. – Divisão do Pacífico Sul-Asiática
Bertil A. Wiklander – Divisão Transeuropéia
Luka T. Daniel – Divisão Centro-Oeste Africana



João Vicente

“CRESCIMENTO EM CRISTO”

Após dois dias de animada discussão, os delegados votaram acrescentar às 27 crenças fundamentais adventistas, mais uma intitulada “Crescimento em Cristo”. A decisão foi tomada com dois propósitos: O primeiro é realçar a busca do crescimento cristão em Jesus, excluindo o misticismo e o espiritualismo orientais, incompatíveis com o evangelho, como meios de exercício espiritual. O segundo propósito é proclamar libertação das forças demoníacas, através de Cristo Jesus.

Eis os termos da 28ª crença fundamental:

“Por Sua morte na cruz, Jesus triunfou sobre as forças do mal. Ele subjugou os espíritos demoníacos durante Seu ministério terrestre, quebrou seu poder e garante sua condenação final. A vitória de Cristo garante-nos vitória sobre as forças do mal que ainda buscam controlar-nos. Assim, caminhamos com Ele na paz, alegria e segurança do Seu amor. O Espírito Santo habita em nós e nos

capacita. Comprometidos continuamente com Jesus, nosso Salvador e Senhor, somos libertos do peso de nossos atos passados. Já não vivemos em trevas, temor dos poderes do mal, ignorância e na insignificância do nosso antigo caminho de vida. Nesta nova liberdade em Jesus, somos chamados a crescer à semelhança do Seu caráter, comungando com Ele diariamente em oração, alimentando-nos de Sua Palavra, meditando nela e em Sua providência, cantando louvores, reunindo-nos para adoração e parti-

cipando da missão da Igreja. Enquanto nos entregamos em amoroso serviço àqueles que nos rodeiam e no testemunho de Sua salvação, Sua constante presença conosco, através do

Espírito, transforma cada momento e cada tarefa em uma experiência espiritual. (Sal. 1:1 e 2; 23:4; 77:11 e 12; Col. 1:13 e 14; 2:6, 14 e 15; Luc. 10:17-20; Efés. 5:19 e 20; 6:12-18; I

Tess. 5:23; II Ped. 2:9; 3:18; II Cor. 3:17 e 18; Filip. 3:7-14; I Tess. 5:16-18; Mat. 20:25-28; João 20:21; Gál. 5:22-25; Rom. 8:38 e 39; I João 4:4; Heb. 10:25).”

CONHEÇA OS ELEITOS DA DIVISÃO SUL-AMERICANA

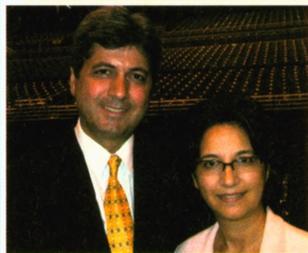
Pela terceira vez consecutiva, o Pastor Ruy Nagel foi eleito presidente da Divisão Sul-Americana para os próximos cinco anos. A aprovação foi unânime pelos dois mil delegados presentes à 58ª Assembléia da IASD. Casado com Evelyn Nagel, o Pastor Ruy serve à Igreja Adventista por mais de 30 anos, tendo sido pastor e administrador de várias instituições, além de tesoureiro da própria DSA.

Os Pastores Raul Gomez e Marino F. de Oliveira foram escolhidos respectivamente como secretário e tesoureiro. Mari Cordido é a secretária associada. Fábio Salles, Dina Rhyberm, Raquel Staut, Laércio Mazzo e Daniel Costa foram escolhidos como tesoureiros-assistentes.

CASAL ARRAIS VAI PARA A ASSOCIAÇÃO GERAL

Há exatamente cinco anos, *Ministério* dava boas-vindas ao Pastor Jonas Arrais e à sua esposa, Raquel, que chegavam à Divisão Sul-Americana. Ele, secretário ministerial associado. Ela, diretora associada do Ministério da Mulher e da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam. Ultimamente, liderava o Ministério da Criança e do Adolescente.

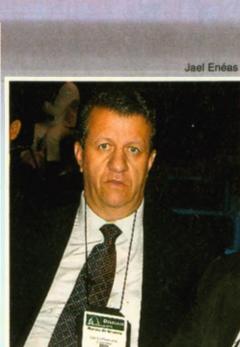
O Pastor Jonas foi nomeado secretário ministerial associado da Associação Geral; e a Professora Raquel, diretora associada do Ministério da Mulher. Ele iniciou suas atividades ministeriais em 1984, tendo pastoreado igrejas no Estado de São Paulo, Porto Alegre e Curitiba. cursou mestrado e doutorado em ministério na Universidade Andrews. Ela é formada em Pedagogia e Teologia, sendo que esta última graduação foi obtida também na Universidade Andrews. O casal tem dois filhos: Tiago e André.



Roberto Lencina



Pastor Ruy Nagel



Pastor Marino F. de Oliveira



Pastor Raul Gomez

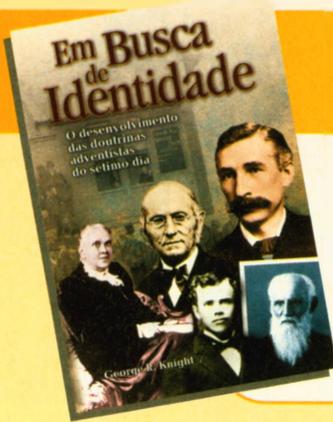
LÍDERES DE DEPARTAMENTOS

- Williams Costa Jr. – diretor de Comunicação e Liberdade Religiosa
- Carlos Meza – diretor de Educação
- Urias Chagas – diretor do Ministério da Família
- Almir Marroni – diretor do Ministério de Publicações
- Miguel Pinheiro Costa – diretor do Ministério de Fidelidade
- Otmar Gonçalves – diretor do Ministério Pessoal
- Ivan Samojluk – diretor de Escola Sabatina
- Evelyn Nagel – diretora do Ministério da Mulher
- Williani Marroni – diretora associada do Ministério da Mulher
- Erton Kohler – diretor dos Ministérios Jovem e Desbravadores
- Alejandro Bullón – secretário da Associação Ministerial
- Ranieri Sales – secretário associado da Associação Ministerial

Humor



Apuntes Pastores/Heber Pinho



EM BUSCA DE IDENTIDADE

George R. Knight, Casa Publicadora Brasileira, 220 páginas;
Tel.: 0800-990606 – E-mail: sac@cpb.com.br

A Igreja Adventista foi fundada por pensadores independentes que discordariam de algumas crenças atuais. Mas, ao longo dos anos, a controvérsia acabou gerando força e o debate, consenso. De Guilherme Miller a Desmond Ford, Knight aponta as personalidades que moldaram a discussão e mostra como Deus tem conduzido o adventismo a uma compreensão mais ampla e profunda da verdade eterna.

AMORES QUE MATAM

Miguel Ángel Núñez, Casa Publicadora Brasileira, 220 páginas;
Tel.: 0800-990606 – E-mail: sac@cpb.com.br



A violência contra a mulher é um problema que tem atingido praticamente todas as classes sociais. Não importa se ela aparece em sua forma física ou psicológica, os danos podem ser irreversíveis se não forem tratados a tempo. Este livro aborda questões como a violência doméstica, os mitos sobre o agressor e a mulher agredida, o ciclo da violência e o que fazer frente à agressão. Também explica

como identificar um agressor e qual o papel da igreja com respeito ao assunto.

KERYGMA

Revista eletrônica
www.unasp.edu.br/Kerygma



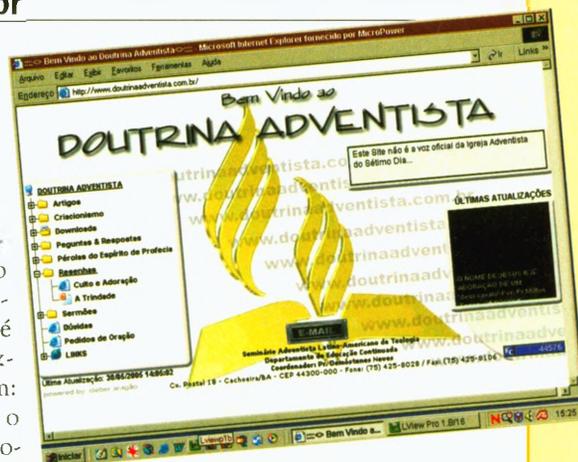
Foi lançada a revista eletrônica do Curso de Teologia do Unasp, campus Engenheiro Coelho, SP. O site Kerygm@ disponibiliza artigos, pesquisas bíblicas e resenhas de livros realizadas pelos professores e alunos do seminário. A revista traz também notícias, reportagens, enquetes e debates relacionados à teologia e ao dia-a-dia da Igreja.

O objetivo primário do site é divulgar as pesquisas mais atuais realizadas no curso, estimulando, assim, os alunos e professores a publicarem seus trabalhos. Conseqüentemente, fornecer todo esse material aos pastores, alunos de Teologia, líderes de igreja local e interessados que queiram aprofundar seus conhecimentos doutrinários.

VEJA NA INTERNET www.doutrinaadventista.com.br

Doutrina Adventista é o site mantido pelo Departamento de Educação Continuada do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – sede Nordeste, portanto, do Iaene, na Bahia. Pode ser definido como um tesouro de informações, atualizadas e corretas, do ponto de vista da doutrina adventista. Todo o material está em português, com textos no formato do Word ou apresentações em PowerPoint.

As principais áreas desse site são: Artigos – Apresentações com verdadeiras aulas sobre: o Espírito Santo, Cristologia, Dízimo, Orientação Profética e Introdução Geral à Bíblia. Outra pasta é sobre Música e Adoração. Há também textos selecionados da revista Diálogo. Temas Gerais é uma boa miscelânea que não pode ser ignorada. Criacionismo – Mais textos e apresentações em PowerPoint. Não deixe de explorar também: Downloads; Perguntas & Respostas, Resenhas e Sermões. Em Links está o acesso aos últimos números da Revista Exegética, publicação de cunho teológico do Iaene, além de dezenas de outros links importantíssimos para um pastor adventista. – Márcio Dias Guarda





Jonas Arrais

Secretário ministerial
associado da Divisão
Sul-Americana da IASD

PASTOR SÁBIO E INTELIGENTE

Só Deus pode preparar um pastor. Somos por Ele escolhidos e dEle temos a promessa de que seremos sustentados diariamente na realização da tarefa que nos confiou. Contudo, a eficácia do ministério depende do ardor espiritual e da habilidade inter-relacional do pastor.

O ministério de Jeremias foi motivado por esse conceito. Embora fosse tido como o “profeta chorão”, na verdade, foi um homem de Deus, autêntico e transparente em sua vida, em sua convicção profética e nas mensagens que proclamou em tempos extremamente difíceis, de apostasia e de idolatria.

Jeremias dedicou toda a sua vida adulta ao ministério profético, que durou pelo menos 40 anos. Subsistiu a cinco reinados e passou por diferentes situações. Por essa razão, proclamou mensagens diferentes em seu formato, tratando cada situação e cada época a partir do contexto histórico-religioso vivenciado.

Assim como nos tempos de Jeremias, hoje também Deus chama pastores para um ministério contextualizado, que tenha como base exclusiva a Sua Palavra, santa e infalível. Em Jeremias 3:15, encontramos conceitos que servem de diretrizes para o exercício de um pastorado eficaz em nossos dias.

1. A CONSCIÊNCIA DO CHAMADO

Sem uma consciência nítida e vívida do nosso chamado para o ministério, não seremos pastores. Possuir o título de pastor é fácil. O desafio é ser pastor segundo o coração de Deus, agir como pastor, de acordo com a vontade e a maneira desejada por Deus.

Nesse contexto, precisamos desenvolver sensibilidade para compreender que somos apenas servos e instrumentos a serviço de Deus e de Sua Igreja. Ser pastor segundo o coração de Deus é levar a Igreja de Cristo a fazer a vontade de Deus sempre, mesmo a custo de alto preço e em meio a grandes desafios. Nosso primeiro compromisso é com Deus.

2. APASCENTAR O REBANHO

Apascentar não é apenas conduzir ao lugar de deleite. É também ensinar a selecionar o alimento e a melhor maneira de absorver seus nutrientes. Apascentar é cuidar da saúde do rebanho, protegendo-o e, se necessário,

disciplinando as ovelhas rebeldes, como fator de preservação da integridade e unidade de todo o rebanho.

No tempo de Jeremias, havia pastores que aterrorizavam o rebanho com filosofias e conceitos estranhos (Jer. 23:1-8). Não é esse pastorado que Deus espera de nós. O Senhor nos chamou e nos vocacionou para que estejamos diante do Seu rebanho, liderando-o com sabedoria e inteligência.

Sabedoria é um dom do Espírito Santo (I Cor. 12:8), que nos habilita a identificar e discernir as necessidades reais do rebanho. É a percepção aguçada para reconhecermos os bodes infiltrados e as “lobelhas” – uma aberração genética espiritual que tem corpo de ovelha, pele de ovelha, cheiro de ovelha, balido de ovelha, mas que tem o coração e a índole do lobo. O dom da sabedoria é o que desvenda os olhos e a percepção do pastor para as reais necessidades do rebanho.

Inteligência é também capacitação espiritual (Tia. 1:5 e 3:17). A inteligência ajuda-nos a planejar estratégias de ação para a igreja e a criar multiplicidade de abordagens evangelísticas.

Inteligência pastoral é ainda a capacitação espiritual para saber ouvir os membros, auscultar as ansiedades mais profundas do coração, ouvir as palavras pronunciadas

pelo olhar e diferenciar o sabor das lágrimas, identificando a resposta certa para a circunstância certa, no tempo certo e na medida certa. Inteligência pastoral é ter de Deus a certeza absoluta que responde as dúvidas e carências do rebanho.

Apascentar com sabedoria e com inteligência vai muito além da sofisticação cultural ou da formação teológica que obtivemos. É ser o porta-voz de Deus para convidar pessoas a aceitarem a salvação de Cristo e a se tornarem Suas testemunhas.

Convido todos os colegas de ministério, independentemente da área em que estejam atuando, a refletirmos juntos sobre nosso compromisso ministerial. Quer administrando, ensinando, escrevendo ou pregando, sejamos pastores segundo o coração de Deus, conscientes de nosso chamado e vocação que devem ser expressos através de um ministério espiritual, sábio e inteligente.

**Somos chamados a
desenvolver um
ministério
fundamentado
exclusivamente na
Palavra de Deus**

Conheça mais sobre a história da Igreja Adventista e o poder do Espírito Santo, nestes dois lançamentos da CASA



Em Busca de Identidade *George Knight*

Este livro mostra o desenvolvimento das correntes doutrinárias dentro do adventismo. Aponta as personalidades que moldaram a discussão e mostra como Deus tem conduzido o adventismo a uma compreensão mais ampla e profunda da verdade.

Cód.: 7623 / Páginas: 224 / Formato: 14 x 21 cm

O Batismo do Espírito Santo *Dennis Smith*

Neste livro, é examinada a relação entre o batismo do Espírito Santo e o testemunho que todo seguidor de Jesus é chamado a dar.

Diagnostica os problemas espirituais que os cristãos dos últimos dias enfrentam e apresenta as soluções para esses problemas. Descreve o significado bíblico da oração intercessória pelos não salvos.

Cód.: 8478 / Páginas: 160 / Formato: 14 x 21 cm

**Adquira
hoje os seus!**

Para fazer seu pedido, ligue: 0800-990606*, acesse: www.cpb.com.br,
ou entre em contato hoje mesmo com o SELS de sua Associação.

*Horários de atendimento: Segunda a Quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h

